

## TÍTULO

Formação de Treinadores Desportivos

## AUTORES

Pedro Sarmento, António Rosado, José Rodrigues

## EDIÇÃO

Escola Superior de Desporto de Rio Maior  
Centro de Edições  
Rua José Pedro Inês Canadas, Lote 1, r/ch  
2040-326 Rio Maior

## CAPA

## CONCEPÇÃO GRÁFICA

Riográfica

## TIRAGEM

500 exemplares

## DATA

Junho 2000

ISBN 972-98235-2-9

Depósito Legal n°

## ÍNDICE GERAL

**EDITORIAL .....**

**Jorge Justino**

**DESPORTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO .....**

**Pedro Sarmento**

**UM PERFIL DE COMPETÊNCIAS DO TREINADOR DESPORTIVO**

**António Rosado**

**A INVESTIGAÇÃO DA COMPETÊNCIA PEDAGÓGICA DOS  
TREINADORES .....**

**José Rodrigues**

## **PREFÁCIO**

A escola Superior de Desporto de Rio Maior é uma instituição do Ensino Superior Politécnico com vocação para uma formação prática intensa na área do desporto.

Devido à sua especificidade é considerada uma escola impar no país.

A formação de Treinadores Desportivos é uma realidade que vincula a escola a um ensino de qualidade e a uma articulação dinâmica com instituições desse domínio, contribuindo para a dignificação e o desenvolvimento do desporto aos vários níveis.

Este livro, intitulado “Formação de Treinadores Desportivos” demonstra bem a actividade realizada, nesta área, pela comunidade académica da Escola e dará informações úteis aos técnicos desportivos que muito têm contribuído para a projecção das diferentes modalidades no país e além fronteiras.

Actualmente, com as novas directrizes europeias, a aprendizagem deve ser feita ao longo da vida, independentemente da faixa etária e da graduação dos formandos, de forma que a articulação entre a escola e a sociedade deve ser desenvolvida num processo contínuo, numa troca de saberes e de experiências.

A Educação combina, de uma forma natural, os quatros princípios básicos de aprendizagem ao longo da vida: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntamente com os outros e aprender a ser.

É o que se espera aos vários níveis da formação e da investigação seguidas nesta Escola, como instituição de intervenção e de desenvolvimento.

Jorge Justino

Presidente do Instituto Superior Politécnico de Santarém

## DESPORTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO<sup>1</sup>

**Pedro Sarmento**

Professor Catedrático da Faculdade Motricidade Humana

Membro do Conselho Científico da Escola Superior de Desporto de Rio Maior

Peço-lhes que não cedam à tentação de esvaziar o desporto do seu sentido mais profundo.

Que se abstenham de o apresentar como algo reprovável e detestável. E que cessem de inocular nos jovens palavras e atitudes de negativismo, de pessimismo e infelicidade.

Semeiem neles a obrigação de serem felizes e solidários, o sonho de se realizarem, de se cumprirem e aperfeiçoarem também na vivência deste fenómeno tão belo, tão humano.

Jorge Bento (O Outro Lado do Desporto, p. 23)

## **Introdução**

Antes de iniciar esta exposição importa referir que a análise que pretendo fazer se situa numa ideia de desporto *plural*, desporto que envolve muitos desportos e muitas atitudes perante este fenómeno social.<sup>2</sup>

Não pretendo por isso defender nenhuma tese nem explanar nenhuma teoria à volta de qualquer singular temática que sobre ele possa ser feita, mas antes reflectir o desporto, da mesma forma que o praticamos: sem complexos nem inibições, sem constrangimentos que “travem” qualquer pensamento por ele próprio desencadeado.

E porque falo sobretudo para estudantes e professores importa, também referir quão importante é a sua acção e responsabilidade na formação e investigação da própria actividade humana.

Neste sentido, o que julgo ser de realçar está presente na discussão científica em torno da área das Ciências do Desporto, consubstanciada no desenvolvimento social.

---

<sup>2</sup> Conferência apresentada no 1º aniversário da Escola Superior de Desporto de Rio Maior – IPS, em 14 de Dezembro de 1998.

<sup>2</sup> Cf. Bento, J. (1989). À procura de referências para uma ética do Desporto (p. 23 – 35), in *Desporto Ética e Sociedade, Actas do Fórum Desporto, Ética e Sociedade*, realizado na Universidade do Porto em 5, 6 e 7 de Dezembro de 1989, e ds. Jorge Bento e António Marques.

## **O desporto social**

Gostaria de começar por dizer que o desporto é parte integrante da nossa vida social e se realiza de várias formas, tendo-se tornado uma parte importante do nosso sistema político, económico e cultural.

É óbvio que como parte deste todo, o desporto aparece-nos em várias publicações, jornais, televisão e rádio, ou seja, produz informação, gera informação e, podemos dizer, sustenta alguns destes sistemas de informação, criando mesmo a sua própria documentação.

A ciência da informação e da comunicação está aí, por todo o lado e, também, ao lado do desporto. E mesmo quando esta trata mal o desporto não o despreza nem o ignora, porque não pode, porque vive dele, porque vive das pessoas e dos seus movimentos sociais. Tal constatação leva-nos a dizer que o Desporto é um subsistema de uma sociedade fechada e relacionado com estratégias de lógica política.

Assim, o Desporto é influenciado por políticos em relação às suas possibilidades, mas também é um instrumento da política e corre o risco de ser usado por propósitos políticos (ao serviço de ideologias ou de regimes).

Hoje, as nações revêm-se politicamente nos feitos desportivos. Veja-se as manifestações do último campeonato de futebol em França e entre nós os resultados desportivos no Hóquei em Patins e no Atletismo. Pensemos então que a

política do Desporto serve como um termo final para todas as orientações desportivas de acções públicas individuais e institucionais.

Dito de outro modo a política de desenvolvimento desportivo é realizada entre a sua prática, como uma força social com relativa independência e o estado, como uma instituição responsável e garante da organização dos bens públicos. E tenho para mim que o desporto, nomeadamente o que visa atingir a todos – o desporto para todos – é um bem de toda a sociedade, sendo, neste sentido, que o desporto não pode ser alienação, mas construção, não pode ser afastamento, mas formação.

É neste sentido também que não posso deixar de vos trazer aqui o pensamento de Noronha Feio sobre esta matéria. Simplesmente porque foi, entre nós e até ao momento, um dos autores que mais e melhor pensou e viveu o Desporto, enquanto encarado como desenvolvimento humano. Para ele os jogos não o alienaram e as grandes proezas desportivas não o fizeram esquecer o Vietname, a revolta negra nos E.U., a fome na Índia, a sorte dos asiáticos, os ugandeses, os massacres no Congo... porque, como dizia , ... “sei o tempo em que vivo, há milhões de homens que sabem e não querem o perturbado tempo em que vivem, e, como eu, talvez muitos tenham encontrado nas verdes colinas de Munique aquela pausa retemperadora para uma luta que continua e nos pertence num mundo onde as fronteiras se desvanecem cada vez mais e perante o qual somos todos responsáveis. Consumi um espectáculo? Assim seja. Mas participo porque faço desporto e portanto penso além do espectáculo”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Cf. *Morais, I. (1991). Homenagem a Noronha Feio (p.34), in As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva – Vol., Actas do II Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa: As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva no Espaço de Língua Portuguesa nos dias 30 e 31/1 e 1 e 2/2 de 1991. Universidade do Porto. Eds. Jorge e António Marques.*

E é através deste autor que nos fica a ideia de que o desporto está para além do espectáculo, é uma atitude perante a vida e nessa medida é um pensamento, um conhecimento; é uma forma de comportamento humano que depende normalmente das oportunidades e/ou dos equipamentos, cuja dependência também tem um lado criativo, desenvolvendo novas técnicas e tácticas em relação a padrões motores e novas actividades, traduzindo na nova expansão de disciplinas desportivas um resultado do desenvolvimento dos equipamentos e das oportunidades.

A uma mútua relação entre o desporto e o equipamento, cujas teorias consideraram inegavelmente o desenvolvimento e bem estar do cidadão, impõe como necessário equacionar a cidade, a vida, as pessoas, o corpo e as actividades e o seu desenvolvimento.

Não cabe neste espaço o desenvolvimento exaustivo das questões atrás referidas. O que julgo importante e necessário é uma reflexão sobre a razão do desporto como entidade fenomenológica e que, por isso mesmo, constitui uma clara e forte afirmação de cultura.

Contudo, o desporto moderno, pode ser alienação, afastamento das razões de ser humanas e de respeito do homem, mas, mesmo assim, existe e, neste contexto da existência, não é lícito que se ignore e que não se melhore. Porque, entendidas correctamente, as manifestações desportivas podem dar vida à criação artística e de contemplação estética, efectivarem meios de comunicação de excepcional valia, favorecer as alterações de comportamento de sentido formativo e constituir então mais um factor, como diria Noronha Feio, um *factor de valorização humana*.

O desporto está ao serviço do Homem como prática e como pedagogia e por isso é de todos e de cada região e é nessa qualidade que se apresenta como estrutura essencialmente participativa, democrática; apresenta-se como um conceito institucional na responsabilidade de fomentar a actividade desportiva.

Pretende-se assim o desporto implantado nas suas regiões - e percebe-se implantado como manifestação cultural, planificar-se para os seus cidadãos beneficiários, devidamente esclarecidos e apoiados - segundo os princípios do máximo desenvolvimento das suas capacidades e das suas responsabilidades cívicas e sociais... porque o desporto também é cidadania.

As práticas desportivas, quando implantadas nas suas regiões sustentam e dependem do trabalho ao nível das localidades, das suas autarquias, bem como da forma de utilização dos equipamentos criados pela problemática urbanística.

É óbvio portanto que o desporto é uma área social que, por um lado é influenciada pela economia e que, por outro lado, se torna um importante factor económico. Por isso mesmo, a economia do desporto pode bem, hoje, ser considerada um subsistema da ciência económica.

Mas estes são aspectos que se encontram à vista de todos nós e que justificam uma debruçar mais atento sobre o que é a sua matéria intrínseca e como o Homem se situa no seu seio, desenvolvendo e desenvolvendo-se cientificamente.



## **As Ciências do Desporto**

Aqui o objecto da ciência é a actividade física e desportiva, o desporto, na convicção de que os métodos que usa para se explicar são humanamente compreensíveis. Reflectamos então que o método científico é o processo e a arte de interrogar a natureza, ordenando os factos em relações lógicas, coerentes e objectivas.

Daqui que em muitas situações, o Desporto se afaste deste princípio pelas facetas e meios de irracionalidade que tantas vezes afloram o espectáculo desportivo, fruto de emoções, interesses e conflitos, de caris eminentemente humanos.

Contudo, todos esses aspectos, enaltecidos pelos detractores do desporto, nada mais são, nada mais significam, nada mais retratam do que o Homem numa das suas actividades mais férteis e mais fecundas da sua civilização. A prová-lo está que nenhuma das organizações civilizacionais que conhecemos ignorou, desprezou ou mesmo desqualificou as actividades lúdicas em que os grandes movimentos corporais estiveram envolvidos.

Este interesse manifestado pelo Homem ao longo dos tempos, foi merecendo o contributo de olhares perspicazes que o transformaram em campo fértil para o estudo, organizando os resultados e tornando-o parte integrante da ciência.

É assim que, a partir das coincidências, analogias e diferenças, as dúvidas sistemáticas se transformam em hipóteses de pesquisa e teorias que aprofundam o conhecimento do Homem.

É por isso que encaramos o Desporto como ele é: uma forma de comportamento humano, uma exteriorização da natureza que somos nós, os Homens, as sociedades

e que pode ser explicada de acordo com sinais externos e também por sinais internos, pelas leis dos nossos sistemas orgânicos, ou seja, pela visão científica do movimento humano.

Explicação esta que não é fácil, devido à quantidade e variedade de formas de realização do desporto (mas qual é o campo científico fácil de explicar), que conduz a uma larga variedade de análise do movimento relacionadas com o desporto e tão alargada quantas as variáveis que fazem eclodir as diversas práticas desportivas.

O resultado deste labor espalha-se constantemente pelos inúmeros laboratórios onde as contribuições científicas de explicação do movimento humano assumem, em cada uma das especificidades desportivas, criando sistemas de conhecimento sobre os seus diferentes significados, dizendo-nos globalmente que pode constituir (1) uma alteração de posição, estatuto ou postura, (2) uma experiência interna ou (3) ser de um grupo em relação aos seus objectivos comuns, políticos e/ou históricos.

Este conjunto *teórico e científico* significa uma colecção de sumários sistemáticos de conhecimentos científicos do movimento humano no desporto, em ordem a ser aplicado no âmbito das situações desportivas e tendo em conta os resultados da pesquisa.

Dá-nos, por isso, a entender diferentes modelos para analisar o desporto, que têm emergido destas diferentes contribuições para campos teóricos das Ciências do Desporto, constituindo-se basicamente pelas áreas da medicina do desporto (estudando os aspectos da anatomia funcional e fisiologia), da biomecânica do

desporto (analisando o movimento por meio cinematográficos e dinamométricos), da psicologia do desporto (interpretando do ponto de vista sensório-motor as relações de movimento, (do sensorial input ao output motor), da pedagogia do desporto (interpretando os modelos funcionais de ensino e aprendizagem relativamente aos ganhos informativos do movimento e ao acompanhamento da execução motora), da sociologia do desporto (estudando as variações socioculturais do desempenho desportivo), da história do desporto (determinando as alterações históricas do movimento desportivo), da filosofia do desporto (analisando a fenomenologia do movimento desportivo)<sup>4</sup>.

Mas o ponto central deste conjunto de contribuições científicas manifesta-se pelas características principais dos movimentos seleccionados, situados na pesquisa do movimento, na descrição e aplicação da aprendizagem motora, oriundo de dois conceitos chave: um conceito cibernético em que a pessoa em movimento é um sistema (sistema sensório-motor), que trata com os conhecimentos informativos e um conceito funcional-integrativo caracterizado por aquisições internas da relação do movimento produzido e do movimento como um processo de situações corporais traduzidas em actividades desportivas.

## **O Treino e o Jogo**

E é por este caminho que o Desporto se reflecte também em possíveis formas de acções de jogo, visto este como elemento do desporto que poder ser incluído em diferentes categorias, diga-se de remotas origens, com análises histórico-antropológicas até aos “novos jogos” ou jogos sem vencedores. De qualquer forma, é sempre caracterizado por interacção social com o outro, compreende toda

---

<sup>4</sup> Cf. Haag, H. (1994). *Theoretical Foundation of Sport Science as a Scientific Discipline. Sport Sciences Studies nº 6. International Council of Sport Science and Physical Education*

a contribuição científica que pode servir para explicar o fenómeno do jogo ou dos jogos, reforçando-se por contribuição interdisciplinar e de integração dos campos específicos da teoria do jogo.

Vemos então o jogo subordinado a si próprio, dependente da sua própria situação e numa relação dinâmica entre os seus jogadores e o envolvimento; apresenta uma estreita relação entre o desenvolvimento do jogo e o desenvolvimento cognitivo do indivíduo; debruça-se sobre as motivações básicas e incentivos para jogar e preocupa-se com o comportamento interno do seu próprio desenrolar.

E é este conjunto interdisciplinar, que essencialmente resulta das pesquisas interdisciplinares do jogo - do elemento lúdico na pesquisa das ciências do desporto - que se converte em análises sistemáticas na teoria do jogo, que nos leva a analisar os contextos da prática desportiva, o seu sistema de valores sociais e educativos em que, por exemplo, a regra tem um papel imprescindível. (até porque é ela que “manda” no jogo), diria mesmo, de componente directora do jogo, da actividade.

Quem não se lembra dos jogos de rua, os jogos da bola – com bolas de trapos, que o dinheirito para uma bola de borracha era coisa que rareava – com balizas feitas com pedras ou com os nossos casacos, cujos buracos e sujidade provocada pelo jogo nos valia uma luta interior até chegar a casa ... porque depois era pôr as nádegas de molho. Quem não se lembra das regras feitas com balizas que não existiam, ou com regras cujo árbitro era o dono da bola. E não era raro ouvir dizer que não era golo porque a bola tinha passado por cima da trave (quando na realidade não havia trave) ou que o jogo acabava quando o dono da bola tinha que ir para casa.

O que quero dizer é que o desporto ou o jogo, feito sozinho ou acompanhado, é uma “coisa” para ganhar a própria actividade e para o jogador, o praticante, o desportista se rever, realizar, converter em algo mais do que até ali. É portanto, a actividade desportiva recheada de componente lúdica, é inseparável nos módulos sociais, educativos e de saúde, o que leva a afirmar que separar, retirar ou afastar a teoria do jogo das Ciências do Desporto, da análise científica do desporto é algo que lhe provoca o seu sentido de estudo, enquanto elemento individual e social. E digo-o pela única razão de que o desporto evolui com base na relação mútua com a cultura, o envolvimento e as condições económicas; é desencadeado por estímulos intrínsecos e extrínsecos e evolui com a experiência, produz tensão, deriva e é controlado por regras próprias e específicas, em função dos contextos e dos intervenientes.

Mesmo o desporto dito de espectáculo encerra, para os praticantes esse tal elemento de prazer, esse elemento intrínseco à própria actividade, que obriga a que o jogador demonstre comportamentos próximos dos compulsivos, que não pode evitar. Ou será que já se explicou o desejo de uma criança pontapear a bola que lhe salta à frente ...?

Mas se o desporto difere em algo do que habitualmente chamamos de jogo, é porque evoluiu no interesse sistemático para melhorar por uma acção humanamente consciente, com orientação e sobretudo com vontade – em ordem a um desempenho (performance, prestação) desportivo, num sentido óptimo de realização humana.

Pode ser aplicado numa competição desportiva com o objectivo que pode ser o do sucesso, por pessoas de todas as idades e níveis, empenhadas no processo de treino

para alcançar o máximo de desempenho desportivo e tal empenho não leva as pessoas a abandonar o elemento lúdico da sua prática desportiva, querem antes melhorar, sentirem-se mais aptos... dando voz à velha máxima (mas nem por isso fora de moda) de *mais longe, mais alto, mais forte*.

O treino, a repetição sistematicamente orientada para um objectivo, desenvolve-se por isso com preocupações claras de estimular o próprio desenvolvimento humano ... consubstanciado pela aprendizagem, pelo aumento e melhoria de conhecimentos desportivos.

Vemos, então, o desporto (como disse no início) enquanto sujeito plural, como a soma de actividades físicas pela qual os processos intencionais ou funcionais de aprendizagem são realizados. Tais actividades físicas servem como objectivo directo dos processos de ensino e de aprendizagem (educação corporal).

As taxonomias do domínio motor - como as habilidades sensoriais, condicionais, coordenativas, experiências corporais, técnicas e táticas - provam que tais actividades podem ser sumariadas como desporto e usadas nos processos educativos, onde, a teoria do ensino e da aprendizagem dos desportos, tratam dos aspectos relevantes da teoria de instrução no contexto desportivo, tais como os objectivos, os conteúdos, os métodos de instrução, reunidos na área da Pedagogia e da Didáctica do Desporto.

Neste sentido, o desporto, como possibilidade de realização motora, inclui os elementos cognitivos e motores, na base das capacidades individuais de performance, oferecendo oportunidades para desenvolver a autoconfiança e a auto-estima.

Encontramos ainda outro campo de aplicação científica directamente relacionado com o movimento humano, no qual englobamos as capacidades de desempenho desportivo (a performance desportiva), e que se desenvolvem na música, no lazer, na saúde, nos desportos adaptados a grupos especiais (deficientes), nos mass medias, na agressão e violência.

Então, o paradigma já focado de integração e interdisciplinaridade, assume-se, igualmente neste campo, como critério de explicação científica num singular processo de extensão de conhecimentos em ordem a procurar o possível, mesmo que este seja o complexo desenvolvimento humano.

Em síntese, julgo poder dizer que, hoje, ninguém tem dúvidas que a ciência visa o desenvolvimento humano. Que o domínio científico já não corresponde à ideia de um indivíduo que experimenta coisas que nada têm a ver com a realidade social.

Mas o desenvolvimento científico tem progresso, tem fases de evolução, tem, em momentos diferentes e face aos diferentes ramos científicos, posições epistemológicas diferenciadas. A ciência não se desenvolve de forma organizada e prevista, como refere Bento de Jesus Caraça, quando diz que “a ciência pode ser encarada sob dois aspectos diferentes. Ou se olha para ela tal como vem exposta nos livros de ensino, como coisa criada, e o aspecto é de tom harmonioso, onde os capítulos se encadeiam em ordem, sem contradições. Ou se procura acompanhá-la no seu desenvolvimento progressivo, assistir à maneira como foi elaborada, e o aspecto é totalmente diferente – descobrem-se hesitações, dúvidas, contradições, que só longo trabalho de reflexão e apuramento consegue eliminar, para que logo surjam outras hesitações, outras dúvidas, outras contradições. Descobre-se ainda qualquer coisa mais importante e mais interessante: no primeiro caso, a ciência

parece bastar-se a si própria, a necessidades internas; no segundo caso, pelo contrário, vê-se toda (?) a influência que o ambiente e a vida social exerce sobre a criação da ciência”<sup>5</sup>

É óbvio que as Ciências do Desporto não caem fora desta análise, não são excepção a esta ideia e tal como em outro domínio científico o seu desenvolvimento tem sido verificado à luz dos paradigmas-tipo da investigação: o *paradigma descritivo*, em que dimensões de análise se enquadram na descrição de variáveis existentes e que determinam a exploração ecológica dos dados recolhidos, como, por exemplo, é o caso que implica o conhecimento dos níveis de condição física dos praticantes desportivos de uma dada modalidade ou ainda como se comportam os treinadores com as suas equipas quando estas ganham ou quando perdem e o *paradigma experimental*, onde as intenções de pesquisa se baseiam na busca de relações causa-efeito, como, por exemplo, saber qual é o método mais útil para ensinar a nadar (o crol ou bruços), o que implica a utilização de grupos de controle e experimentais.

De qualquer forma, o delineamento da pesquisa (research designs) pode ser agrupado de acordo com os conceitos descritivo e experimentalistas, sabendo-se que ambos os casos percorrem os ditames filosóficos das teorias hermenêutica, empírica e fenomenológica. Por fim, as metodologias qualitativas e quantitativas definem também o quadro de investigação em ciências do desporto, de acordo com as possibilidades de recolha de dados das variáveis em presença.

---

<sup>5</sup> cf. Formosinho, S.B. & Branco, J. (1997). *O Brotar da Criação – Um Olhar Dinâmico pela Ciência, a Filosofia e a Teologia* (p. 15). Universidade Católica Editora. (in *Conceitos Fundamentais da Matemática*, 1970, prefácio)



Contudo, o conhecimento criado até hoje não vai além da pretensão de interdisciplinaridade da confluência das Ciências Humanas, das Ciências Naturais e das Ciências Sociais, não tendo conseguido um entendimento unitário que pudesse assentar bem na designação singular de Ciência do Desporto. Daqui que possamos dizer que este é o nosso desafio epistemológico, voltando a nossa atenção para esta hipótese temporal de pesquisa – e que até agora não passou de promessa fugidia – a uma efectiva realidade científica.

Denota-se assim como mais correcto a afirmação de grupo científico de Ciências do Desporto, confluindo os ganhos científicos na melhoria do Homem no seu quotidiano corporal e designadamente no contexto das práticas desportivas.

## **O Corpo**

Mas o significado do quotidiano corporal pode traduzir-se na actividade desportiva que substantiva um corpo.

Podemos dizer, então, que falar-se de desporto e de desenvolvimento humano implica reflectirmos *o corpo que temos, a pessoa que somos, o indivíduo que procuramos ser.*

Muitas vezes se fala do corpo como de algo que não nos pertence, ou mesmo, cujo sentido deixámos fugir.

Conhecemos os rigores sociais e religiosos que fizeram com que a educação se afastasse do corpo. Ficaram assim angústias mal contidas de não compreendermos muitos avisos que ele (corpo) nos fez quando o abandonámos demasiado.

Esqueceram-se – num sistema educacional errado e ingrato para o corpo – que são os olhares, os gostos e as emoções, as sensualidades, ou seja, o sistema nervoso que formam o Homem enquanto espécie, o acultura e o civiliza.

É minha convicção que a ética e a estética educativa não podem continuar a erradiar a corporalidade da qual faz parte.

Com esta afirmação quero relembrar o conceito de dignidade social, incompatível com um corpo “andrjoso”, sujeito à droga e à humilhação.

É neste sentido que o desporto enaltece o esforço corporal - o suor enquanto produto desse trabalho - e lhe dá identidade na fundamentação da dignidade da vida humana.

Assim, o corpo vive o desporto nos próprios limites do ser humano e neles se substancializam num exercício sempre renovado, cujo exemplo mais acabado é o interesse por esta área de estudo, sempre renovada nos “estudantes”. A eles é devida a excelência da formação, tal como lhes é pedido o compromisso ético da futura actividade profissional.

Para nós, professores, fica a ideia do preceito pedagógico da ética docente, *no âmbito da educação do belo e do positivo.*

A terminar e em tom de efectivo aniversário, cumpre-me endereçar ao Presidente do Instituto Politécnico de Santarém e à Escola Superior de Desporto uma palavra de satisfação pela sua primeira passagem.

À Autarquia de Rio Maior, retenho o mérito em compreender como a actividade física e desportiva é mais uma fonte de desenvolvimento regional

Para o actual Director da Escola Superior de Desporto, bem como para o seu corpo docente, gostaria que retivessem a ideia de um “corpo” profissional arreigado ao serviço social através da actividade física e desportiva, no justo objectivo de aquilatar esperanças de evolução académico-científicas.

## UM PERFIL DE COMPETÊNCIAS DO TREINADOR DESPORTIVO<sup>6</sup>

**António Rosado**

Professor Auxiliar da Faculdade de Motricidade Humana  
Membro do Conselho Científico da Escola Superior de Desporto de Rio Maior

### **I. Introdução**

A actividade profissional de treinador é uma actividade recente, em pleno desenvolvimento, sem que seja possível reconhecer-lhe, com nitidez, os contornos que caracterizam outras actividades profissionais. É uma área profissional que está na sua infância, uma nova profissão, ainda pouco estruturada, com um mercado de trabalho crescente mas precário e com um corpo profissional muito heterogéneo. Na realidade, o exercício desta actividade é realizado por amadores e profissionais (com diversos níveis de profissionalização) com formações e níveis de competência muito diversas, existindo desde treinadores analfabetos até treinadores doutorados.

---

<sup>6</sup> Conferência apresentada no Encontro Nacional de Pedagogia do Desporto, organizado pela Escola Superior de Desporto de Rio Maior – IPS, em 25 de Março de 1999

As áreas de intervenção profissional e os perfis profissionais subjacentes, traduzindo o conjunto das competências e dos conhecimentos a dominar, estão mal definidas, são muito diversos e pouco explícitos e, como consequência, os modelos de formação, as condições de acesso, os conteúdos e as durações de formação, a regulamentação do exercício da actividade, são muito diferenciados (demasiado) e, geralmente, insatisfatórios.

Importa, portanto, que se realize um esforço de reflexão no sentido de se evidenciar a existência de competências profissionais características, específicas desta actividade, e de chegar a um consenso acerca dos campos (ou do campo) de actividade profissional, dos perfis profissionais dos treinadores, das suas funções, conhecimentos e competências profissionais, organizando modelos de formação (inicial e continuada) homogéneos, de qualidade, que dignifiquem os treinadores e a sua actividade e, sobretudo, qualifiquem a orientação dos jovens praticantes sob sua responsabilidade.

## **II. O perfil de competências do treinador**

Um primeiro passo, imprescindível, na formação de treinadores e na criação desta nova profissão é a delimitação do seu campo profissional, ou seja, das áreas de intervenção e dos contextos profissionais em que é possível e desejável que intervenham. Embora possa, à primeira vista, parecer questão pouco polémica, reconheça-se que esta área não está bem definida e que é possível e necessário projectar a profissão em espaços que não os tradicionais; na realidade, os clubes, os ginásios, as associações desportivas, as federações, as colectividades, os diferentes organismos do estado, as autarquias, as empresas, o sistema educativo são potenciais empregadores. A estas áreas de intervenção correspondem,

potencialmente, funções profissionais diferenciadas que é necessário inventariar e caracterizar com o maior rigor possível.

Um segundo passo necessário (decorrente do primeiro) na definição da profissão é a definição de um perfil de competências do treinador. Esse perfil deverá ser baseado numa concepção explícita do papel e da missão do treinador, partindo de um perfil funcional de competências profissionais.

Será desse perfil funcional que se deverá derivar, por especificação, conteúdos e estratégias de formação e o conjunto dos módulos de formação, bem como a definição de critérios de avaliação dos desempenhos profissionais. Esses critérios terão de ser definidos e explicitados antes da formação e devem constituir uma base de avaliação da qualidade da própria formação.

Reconheça-se, desde já, uma primeira dificuldade na definição deste perfil: não é fácil falar de um perfil único de funções e competências profissionais, salvo a um elevado nível de generalidade, já que é evidente que o conjunto do sistema desportivo exige, nos tempos que correm, o recurso a treinadores com um amplo leque de responsabilidades diferenciadas, envolvendo capacidades distintas, sendo possível definir diferentes níveis de intervenção profissional e, para cada nível, um conjunto particular de responsabilidades, de funções e, naturalmente, de competências profissionais<sup>7</sup>. A própria proposta de estrutura europeia de formação de treinadores assim parece determinar. Também é verdade que não é exigência que todos os treinadores desempenhem, simultaneamente, todas as funções

---

<sup>7</sup> Somos favoráveis à ideia de que, em qualquer área de intervenção e para qualquer nível de intervenção, as responsabilidades e as habilitações dos treinadores devem ser as mesmas, construindo-se uma profissão com uma estrutura de formação semelhante e de nível superior e onde a formação certifique, legitime e preceda a prática profissional, aliás, como em qualquer outra profissão, de que a de professor, por ser a mais próxima, é exemplo a seguir.

profissionais; em função do grau ou do momento da carreira, das oportunidades de trabalho ou das circunstâncias, poderá exigir-se mais umas do que outras.

Todos os treinadores devem, no entanto, possuir formação inicial suficiente e certificada incidindo sobre competências básicas que lhes confirmam o estatuto formal de treinadores. Não se trata de desenvolver todas as competências nem de procurar o seu desenvolvimento máximo mas de escolher as competências essenciais e determinar os seus níveis mínimos de competência. Esta formação, naturalmente, deverá ser garantida pela formação inicial e pela formação contínua.

Ultrapassando, por agora, as limitações referidas, e numa lógica prospectiva, importa que o sistema desportivo possa identificar o modelo geral de funções e competências a dominar pelos treinadores desportivos, modelando, assim, a totalidade do sistema formativo.

Neste texto projectamos a profissão de treinador desportivo como uma profissão de nível superior, com um perfil de formação semelhante para todos os profissionais e de grande nível de exigência académica e pessoal. Partimos, também, de uma assunção básica, já a florada, a de que a maioria dos treinadores não poderão viver do treino desportivo e terão de compatibilizar esse exercício com outra profissão ou com outros exercícios profissionais, de preferência, em área afim. Trata-se, assim, de construir uma profissão, não de banda estreita mas de base multiprofissional, contrariando uma especialização precoce e uma orientação para mercados de trabalho precários ou mesmo inexistentes.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> A formação dos treinadores deve assentar numa boa formação de base na área das profissões do desporto, numa formação alargada que lhes permita orientar-se para diversas actividades profissionais afins, garantindo maior possibilidade de ingresso no mercado de trabalho e, em função do mercado, reorientar, inclusivamente, o seu percurso profissional. A “acumulação” professor de Educação Física e Treinador sempre nos pareceu uma excelente solução. Não excluindo essa possibilidade, a acumulação com outras profissões do desporto parece-nos, na nossa sociedade actual, imprescindível.

Os métodos de identificação das funções e competências profissionais devem basear-se, em primeiro lugar, na definição do(s) seu(s) espaço(s) social ou sociais de intervenção, na definição dos possíveis contextos de intervenção profissional e, posteriormente, na análise de tarefas, nomeadamente, com base na descrição das tarefas desempenhadas, efectivamente, pelos treinadores na sua prática quotidiana e na análise das suas funções no interior do sistema desportivo.

Na realidade, exige-se, hoje, ao treinador, o exercício de uma infindável lista de tarefas, de aptidões, de atitudes e comportamentos, em aumento crescente de exigências, que importa sistematizar e esclarecer, esclarecendo a estrutura das capacidades exigidas, as competências.

Por outro lado, o modelo de competências a definir não deverá deixar de se basear na análise das expectativas que resultam das necessidades evidenciadas por derivação teórica ou doutrinária que projectem a profissão no futuro.

O termo competência, a que nos temos vindo a referir, merece algum esclarecimento complementar; a competência não deve ser entendida como um dom ou uma disposição, nem, como pretendem as reflexões mais comportamentalistas, um conjunto de comportamentos particulares que os treinadores devem dominar.

Numa acepção mais actual, entendemos por competência o conjunto estruturado de conhecimentos, aptidões e atitudes necessários ao exercício profissional, ao exercício das funções profissionais. Reconhece-se, também, que as competências não são universais mas dependentes do contexto pelo que a competência refere-se sempre ao exercício de funções sob determinadas condições que ao treinador cabe



avaliar. Esta consideração das circunstâncias significa que dominar as competências profissionais significa saber quando, como e porquê aplicá-las e justifica uma preocupação com o desenvolvimento da capacidade de análise e de tomada de decisão que permita transferências de competência de contexto para contexto e de situação para situação.

O que se exige, hoje, aos treinadores é um conjunto de competências flexíveis que se ajustem a situações e a contextos profissionais diversos, pelo que esta abordagem global, centrada na transferibilidade e na capacidade de tomada de decisões, deve ser um eixo fundamental da construção do perfil de formação.

Neste entendimento, competência terá de ser definida como um núcleo de saberes em torno de funções profissionais ao redor das quais se agrupam acções profissionais concretas. Entendemos, ainda, que as competências envolvem um conteúdo principal (conhecimentos, aptidões e atitudes) e um nível de especificidade que pode ser variável.

As funções profissionais de um treinador desportivo, nomeadamente, de um treinador com formação superior, podem ser sistematizadas do seguinte modo:

1. Funções de Desenvolvimento do Processo de Treino Desportivo (esta função tem sido objecto de grande atenção, sendo a fonte maior de preocupação por parte dos treinadores e das estruturas de formação).
2. Funções de Gestão, Administração e Animação Desportiva (funções associadas à gestão, administração e animação desportiva concretizadas nas secções

desportivas, nos clubes, nas Associações, nas Federações e em outros organismos ligados ao mundo do Desporto)<sup>9</sup>.

3. Participação na Formação de Treinadores (factor decisivo de desenvolvimento profissional, pela troca de experiências e pela reprodução/transmissão dos saberes profissionais).
4. Funções de Investigação e Criatividade (na realidade, os saberes não são definitivos e a produção de novos saberes terá de ser, também, uma responsabilidade dos próprios profissionais).

Optando por um elevado nível de generalidade, fugindo à perspectiva atomista da definição de competências muito específicas, apresentamos um primeiro esboço de um perfil de competências do treinador desportivo que responda a essas funções.

O eficaz desempenho das descritas funções profissionais exige-nos a definição de quatro grandes grupos de competências, aliás, intimamente relacionadas e com fronteiras nem sempre fáceis, nem possíveis, de estabelecer.

1. Competências Científico-pedagógicas, divididas em três grandes dimensões: a dimensão científica (envolvendo os conhecimentos sobre os fundamentos da Motricidade Humana e das Ciências do desporto), técnico - metodológica (associadas às questões do “saber” e do “saber fazer”<sup>10</sup>, de ordem operacional) e a dimensão relacional<sup>11</sup> e deontológica (envolvendo, predominantemente, a

---

<sup>9</sup> Esta referência ao mundo do Desporto não significa que os treinadores desportivos sejam formados exclusivamente para este sub-sistema; o sistema educativo, empresarial, autárquico, etc, são fontes potenciais de emprego para estes profissionais.

<sup>10</sup> As 3 categorias mais conhecidas dos saberes, como outras daí derivadas, saber, saber fazer, saber-ser, de alguma forma, cristalizam a oposição entre intelectual e manual, entre formal e informal e não dão conta da relação entre estas diversas formas de saberes, aspecto essencial de caracterização de uma competência. Mantemo-las por comodidade expositiva.

<sup>11</sup> O saber-ser representa as atitudes e os comportamentos dos treinadores, as formas desejáveis de agir e interagir. Embora fundamentais não deixa de se correr o risco de introduzir a valorização de comportamentos de conformidade social, de adaptação, de “saber-viver”, muito variáveis segundo os utilizadores e muito afastados, em muitos casos, de comportamentos profissionais efectivos.

maneira de se relacionar com os atletas e outros personagens do seu mundo profissional e as competências orientadas para o desenvolvimento de posturas profissionais fundamentadas e críticas, o “saber estar”).<sup>12</sup>

2. Competências Pessoais (agrupadas, também, em duas dimensões: uma dimensão a que chamaremos de Formação Geral, associada a requisitos de cultura geral, e uma outra de Desenvolvimento Pessoal, envolvendo, predominantemente, competências orientadas para o seu crescimento e desenvolvimento pessoal, para o desenvolvimento do treinador enquanto pessoa).
3. Competências de Gestão e Administração (conhecimentos de gestão das organizações desportivas, de animação desportiva, de concepção, implementação e avaliação de projectos de desenvolvimento desportivo).
4. Competências de Produção e Divulgação de Saberes Profissionais (cumprindo os requisitos colocados pelas funções de Participação na Formação de Treinadores e de Investigação e Criatividade.)

O objectivo de qualquer modelo de formação a prescrever deverá orientar-se no sentido de otimizar as referidas competências do treinador.

As competências referidas dividimo-las, ainda, num conjunto mais específico de competências profissionais de modo a esclarecer melhor o seu âmbito.

---

<sup>12</sup> Entendemos que o treino desportivo é, no essencial, um processo pedagógico, um processo formativo particular, de ensino e desenvolvimento dos praticantes, a diversos níveis e de forma integrada. Os actos de ensino e treino são actos pedagógicos. Neste sentido, a metodologia do treino, como reflexão sobre as estratégias, os métodos, os conteúdos e as técnicas de concretização do treino desportivo deve ser considerada como o instrumental desse processo pedagógico.

Reconheça-se, antes de mais, que a partir de um certo nível de especificidade, nem todas as competências dos treinadores estão identificadas <sup>13</sup> e que, provavelmente, algumas nunca o serão. Reconheça-se, também, que um perfil profissional não é estático; competências que hoje são adequadas podem não o ser no futuro. Esta constatação significa que o desenvolvimento de uma atitude reflexiva (onde mais do que valorizar o “como fazer”, importa valorizar a reflexão e a análise crítica)<sup>14</sup> e de uma atitude de auto-formação permanente, é fundamental na construção deste profissional. O treinador precisa de aprender a aprender e é nessa aprendizagem do incerto (Damião, H. 1997) que se jogam aspectos essenciais da sua competência profissional.

### Competências de ordem científico-pedagógica

Este agrupamento reflecte, em primeiro lugar, o nosso desejo de não considerar uma divisão abrupta entre a dimensão científica e pedagógica (a pedagogia também é uma ciência) e entre a pedagogia e a dimensão técnico-metodológica, posto a subordinação da segunda à primeira, nem de separar as questões metodológicas das questões relacionais e deontológicas. As competências pedagógicas, nomeadamente, terão de se construir em torno de uma reflexão que equacione a integração destas diversas componentes tornando qualquer acto técnico um acto pedagógico.

A formação e a reflexão de ordem pedagógica, filosófica, histórica, psicológica, sociológica e antropológica sobre o Desporto garante parte substancial dessa competência mas não esgota a formação neste domínio.

---

<sup>9</sup> Uma especificação sucessiva das competências em sub-competências de menor nível de generalidade levaria a uma lista infundável de mini-competências que nos afastaria do nosso objectivo.

<sup>14</sup> Capacidades de raciocínio, de expressão e adaptação são sistematicamente referidas como fundamentais.

Sublinhamos, reconhecendo, em definitivo, a importância da Pedagogia no topo das competências do treinador, que nem toda a influência que é exercida sobre os atletas é planeada, intencional, tem expressão no plano de trabalho e é dirigida para o rendimento desportivo.

O treinador trabalha, habitualmente, com jovens e jovens adultos (embora, teoricamente, essa faixa etária seja muito mais lata<sup>15</sup>), afectando não só o seu desenvolvimento desportivo mas, também, o seu desenvolvimento pessoal e social. A interacção com os "outros significativos", de que o treinador é exemplo, modela atitudes, valores, comportamentos sociais, afectando o seu desenvolvimento pessoal e social, a sua personalidade e os seus valores. Por outro lado, o treinador insere-se socialmente, as suas acções tem significado cultural, influenciando os meios sociais onde se vai integrando, é factor de desenvolvimento social e essa actividade profissional não pode deixar de ser enquadrada no âmbito de uma reflexão pedagógica.

Entre as competências da dimensão científico-pedagógica destacamos, especificando, as seguintes:

1. Conhecimentos sobre Motricidade Humana, Actividade Física e Desporto.
2. Competências de Conhecimento da Modalidade<sup>16</sup>
3. Competências de Conhecimento do Homem<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Essa latitude tem vindo a aumentar: repare-se no crescente aumento da procura de actividades físicas desportivas por parte da população adulta, inclusivamente, na terceira idade e a procura, também, crescente no âmbito da intervenção terapéutica.

<sup>16</sup> Referimo-nos, no essencial, ao conhecimento pedagógico da modalidade embora não se exclua a distinção entre conhecimento da modalidade e conhecimento pedagógico da modalidade. Na realidade, o conhecimento da modalidade sofre múltiplas transformações no processo de ensino e de treino, fruto dos objectivos do treino, e é esse conhecimento que deve ser dominado.

<sup>17</sup> Os contributos de diversas ciências, no sentido de ajudar a conhecer o Homem e o Desportista, as Ciências Humanas, em geral, e as Ciências do Desporto, em particular, como o conhecimento da modalidade, tem um carácter instrumental na

4. Competências de Elevação dos Factores da Condição Física
5. Competências de Elevação do Nível Técnico e Tático
6. Competências Pedagógicas Gerais
7. Competências Didáctico-Methodológicas Específicas

#### Conhecimentos sobre Motricidade Humana, Actividade Física e Desporto

Envolve o conjunto de conhecimentos gerais, de base científica e cultural, que lhe permite situar a sua actividade no âmbito da problemática mais geral da motricidade humana, compreendendo a problemática epistemológica que fundamenta a motricidade humana, o desporto, o seu desenvolvimento e os situa perante o processo de desenvolvimento civilizacional humano.

#### Conhecimento da Modalidade

Um desporto constitui um objecto cultural próprio, com uma determinada existência histórico-social, com especificidades que lhe são características e que o tornam uma criação humana única. Consiste numa actividade lúdico-competitiva regida por um sistemas de regras, por sistemas de gestos mais ou menos codificados, existindo numa sociedade particular, com um desenvolvimento social único. O conhecimento da modalidade, da sua estrutura e características é uma competência do treinador a que, tradicionalmente, se têm dado a maior importância. Muitos treinadores possuem, no entanto, apenas esta competência: foram antigos praticantes e conhecem bem a sua modalidade. Nesta dimensão não será desavisado considerar o conhecimento da modalidade e o conhecimento

---

medida em que servem para fundamentar as decisões de ensino e treino. Elas esclarecem, apoiam, a intervenção pedagógica, subordinando-se a ela e daí a sua inclusão nesta dimensão do perfil profissional.

pedagógico da modalidade, definido por Shulman, S. (1986) como uma amálgama original de conteúdos e pedagogia que constitui um saber profissional específico.

### Competências de Conhecimento do Homem

Como refere Bento, J. (1996) "para todas as profissões deve vigorar o princípio de que para alcançar o objectivo da sua actividade deve o homem conhecer com exactidão as qualidades do objecto da sua actividade e as condições de acção sobre esse objecto".

O objecto do treino é o ser humano e, como tal, o conhecimento aprofundado do homem deve ser procurado. Conhecimentos acerca do desenvolvimento humano, das condições psicológicas (genéticas, diferenciais, sociais) e das determinantes biológicas são fundamentais quando se trabalha no limite das capacidades humanas, quando os riscos para a saúde dos atletas são grandes, quando existe necessidade de acudir a situações de urgência. O conhecimento dos processos de desenvolvimento filogenético e ontogenético nas suas diversas vertentes, o estudo do homem como ser bio-psicosocial, dos pressupostos biológicos, psicológicos, sociológicos, culturais, antropológicos e filosóficos são fundamentais para conhecer o Homem e para ajustar o processo de treino. Uma orientação humanista para a profissão é uma necessidade fundamental no nosso tempo.

Por outro lado, este conhecimento deve ser situado no âmbito do processo de treino desportivo, estudando-se o Homem em Situação, enquanto desportista, nas múltiplas situações colocadas pelo processo de treino desportivo. Aproximamo-nos, assim, em analogia (algo forçada) com o conceito de Conhecimento Pedagógico do Conteúdo (Shulman, S., 1987) do conceito de Conhecimento

Pedagógico do Homem, conceito que pretende traduzir a forma particular como os treinadores interpretam e utilizam esses conhecimentos no processo de treino desportivo.

### Competências de Elevação dos Factores da Condição Física

A prática desportiva exige que os treinadores dominem os meios que lhes permitam influenciar com eficácia o desenvolvimento das principais capacidades físicas nas diversas formas que podem assumir e nas aplicações que a especificidade de cada desporto determina. As metodologias de desenvolvimento destas capacidades, as formas de avaliação e controlo desses processos de desenvolvimento, constituem um corpo de conhecimentos fundamentais à optimização do treino desportivo moderno.

### Competências de Elevação do Nível Técnico e Tático

Os treinadores visam a elevação do nível de desempenho técnico dos seus atletas procurando aperfeiçoar os gestos desportivos competitivos de tal modo que se obtenha o máximo de rendimento desportivo. O conhecimento dos modelos de execução gestual, da sua fundamentação biomecânica, dos aspectos cinemáticos e dinâmicos críticos em cada execução e em cada nível de prática, são decisivos. O mesmo se terá de afirmar para a dimensão tática nas modalidades que o exijam. Influenciar os desempenhos técnicos e táticos envolve competências associadas ao conhecimento dos conteúdos e de metodologias que permitam otimizar as aprendizagens motoras envolvidas e afectar as estruturas perceptivo-cinéticas que as determinam. Conhecer os processos de desenvolvimento das diversas formas de coordenação motora, do equilíbrio, da lateralidade, etc., influenciando as



capacidades motoras de determinante perceptivo-cinética, é, também, decisivo, pois delas parecem depender as aprendizagens motoras.

### Competências pedagógicas gerais

Os conhecimentos pedagógicos gerais que suportam o processo técnico de organização do ensino e da aprendizagem são decisivos. Como o professor, o treinador precisa de saber ensinar, de conhecer técnicas de ensino que facilitem as aprendizagens e a gestão de grupos. Técnicas de Planificação, de Implementação e Avaliação do Treino, entendido como um processo específico de ensino-aprendizagem, são necessárias. As técnicas de ensino podem ser enquadradas (utilizando a sistematização de Siedentop, 1983) na dimensão Gestão, reflectindo questões associadas à gestão pedagógica e didáctica dos atletas, dos recursos materiais, espaciais e temporais na via da sua rentabilização e no garante de condições de segurança; na Dimensão Instrução, centrando-se sobre o ensino da modalidade, sob as formas de apresentação de informação e na optimização dos processos de tratamento e retenção dessa informação; na Dimensão Clima e Disciplina, desenvolvendo comportamentos de facilitação da interacção pessoal e de resolução de conflitos. Tratam-se de competências gerais, de elevado nível de generalidade, facilmente transferíveis para outros contextos de treino.

### Competências didáctico-metodológicas específicas da modalidade

Paralelamente ao conhecimento e domínio de modelos, estratégias, metodologias, métodos e técnicas de ensino gerais, parece fundamental enfatizarmos a necessidade do desenvolvimento de técnicas de ensino específicas da modalidade, técnicas essas que resultam da, indelével, variabilidade inter-desportos, das

suas especificidades e exigências próprias. Essa especificidade envolve o desenvolvimento de procedimentos de ensino específicos claramente associados aos contextos e aos conteúdos particulares da modalidade. A organização do ensino e treino dos gestos técnicos e táticos, a organização das situações de aprendizagem, a sequencialização e temporização de aquisições motoras diversas, para diversos níveis de prática, é dificilmente transferível de modalidade para modalidade e constitui uma fonte de conhecimento que consideramos decisiva na formação de treinadores. Esta dimensão envolve Competências de planificação, implementação e avaliação específicas, irreduzíveis. O treinador, em qualquer nível de formação, deverá dominar instrumentos de planificação, execução e avaliação do processo de treino nos seus diversos aspectos.

O processo de treino tem de ser entendido como um processo intencional e planeado de forma sistemática, organizando um currículo<sup>18</sup> - a carreira desportiva - onde se perseguem objectivos a curto, médio e longo prazo, se afectam estratégias e recursos, se organizam etapas e modos de avaliação particulares.

A organização de um trajecto que vai da iniciação à alta-competição, procurando respeitar etapas caracterizadas por exigências pedagógicas, técnicas, fisiológicas e psicológicas específicas, organizando o desenvolvimento desportivo do praticante ao longo de diversos anos, bem como a intervenção profissional na animação desportiva, exige o domínio de competências de planificação e de avaliação que passam pela definição dos objectivos, pela definição de planos pluri-anuais, anuais, pela periodização do treino nos períodos, mesociclos, micro-ciclos e nas

---

<sup>18</sup> O termo currículo, em latim, curriculum, significa carreira. Refere-se ao caminho, ao percurso. O desenvolvimento curricular, termo que não chegou ao campo do desporto, envolve as decisões de planificação, programação e avaliação a diversos níveis. O desenvolvimento curricular não é mais do que um termo novo para didáctica devendo ser entendido como fazendo parte da Pedagogia.

unidades de treino. Exige, também, competências que permitam avaliar o grau de consecução dos diversos objectivos propostos para cada momento do treino e a natureza e intensidade dos obstáculos que interferem na concretização desses objectivos.

As competências de ordem relacional e deontológicas

O objecto da actividade do treinador é o Homem. Tal objecto exige o desenvolvimento de uma competência complexa por parte dos treinadores, uma competência que envolva a optimização da relação interpessoal, do clima motivacional e do suporte afectivo e a definição clara de um sistema de valores que mobilize a defesa de um projecto de homem e de sociedade, que encare o desporto e o rendimento desportivo não exclusivamente como um fim em si mesmo, mas como um instrumento ao serviço do Homem, de um projecto de Homem e de Sociedade. Neste sentido, por vezes, afastado das preocupações técnico-desportivas, manifesta-se uma nova dimensão da actividade de treinador, a de treinador como Educador, situação em que a componente deontológica e relacional são determinantes.

É necessário afectar o desenvolvimento de valores associados à ética e, em particular à ética desportiva, desenvolvendo formas apropriadas de estar no desporto, procurando desenvolver formas apropriadas de estar em grupo, procurando favorecer a construção de uma concepção moral do exercício profissional.

O treinador deve ser visto, também, como um agente de desenvolvimento desportivo e a importância do seu potencial contributo social deve ser enfatizada.

Trata-se, na realidade, de uma figura pública, com uma actividade profissional de grande visibilidade, facilmente exposta a largas faixas da população e sujeita, em particular, a grande criticismo, num contexto profissional que exige capacidades pessoais particulares, como sejam as envolvidas nas relações interpessoais, nas relações públicas, no trabalho em grupo, na relação com os restantes intervenientes do processo desportivo.

Uma profissão que afecta, deste modo, o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo e da sociedade não pode deixar de se basear, de se fundar, num conhecimento e numa reflexão sobre questões de ética profissional, de reflectir sobre valores, sobre os deveres éticos dos treinadores, sob a sua responsabilidade, sobre a sua "missão". Trata-se, talvez lhe possa chamar assim, de desenvolver, nos treinadores, formas de "saber estar", de "saber situar-se", uma postura profissional e um quadro deontológico assentando em saberes doutrinários, fundados numa ética de serviço e de dignificação humana e profissional, de facilitação do desenvolvimento moral, do desempenho das tarefas morais que a profissão, quer se queira quer não, exige.

### Competências Pessoais

Façamos a distinção, já apresentada inicialmente, de duas dimensões de análise; uma centrada sobre a Formação Geral e outra sobre o Desenvolvimento Pessoal do Treinador, embora, mais uma vez, a interpenetração entre dimensões deva ser considerada essencial nesta reflexão.

### Competências de Formação Geral

O treinador terá de ser uma pessoa culta esperando-se que essa cultura alargada lhe permita corresponder às expectativas dos atletas, encarar os limites do seu próprio conhecimento, desenvolver processos de auto-formação e de inovação, competências de exercício da profissão que exigem uma formação de base, académica ou escolar, cada vez mais elevada. O acesso ao desempenho desta actividade profissional deve começar por exigir níveis elevados de cultura geral, de formação de base, que sustente a prática profissional específica.

Os níveis de formação escolar (escolaridade mínima, secundária, universitária) geral são decisivos para garantir um conjunto de pré-requisitos fundamentais à formação especializada como treinador desportivo. A formação geral tenderá a condicionar o acesso a diferentes níveis de formação profissional à posse inicial de diferentes níveis de habilitação académica. Por outro lado, ainda, a própria formação profissional deverá considerar, em concomitância, o aprofundamento, de competências pessoais genéricas.

Incluímos, nesta dimensão, os conhecimentos que permitam possuir uma cultura científica geral avançada, bem como o domínio da capacidade de expressão numa língua estrangeira de modo a poder participar em todos os processos de desenvolvimento pessoal e profissional numa perspectiva europeia e mundial.

### Competências de Desenvolvimento Pessoal e Social

Trata-se de entender que a formação deve orientar-se, não só, para o treinador como “objecto”, mas para o treinador enquanto “sujeito”, de encarar o conhecimento não como um instrumento profissional mas um meio de realização pessoal, de encarar a profissão como um projecto de vida, de valorização e

crescimento pessoal. A ênfase é agora colocada sobre a pessoa do treinador e na criação de um ambiente que seja ele próprio facilitador de desenvolvimento e realização pessoal do treinador. Trata-se de defender a organização de processos de desenvolvimento que respeitem a individualidade do treinador, que o estimulem a descobrir-se e a descobrir a sua maneira pessoal de se tornar treinador, o seu estilo, os seus sentimentos, valores e crenças, num ambiente de reflexão sobre si que personalize a formação e torne satisfatória e estimulante a prática profissional.

### Competências de Gestão, Administração e Animação Desportiva

Associado ao mundo do Desporto existem um conjunto de actividades em que o especialista numa modalidade se pode envolver e que não resultam directamente da relação de treino. Entre essas actividades inclui-se a actividade de gestor desportivo, de animador desportivo<sup>19</sup>, de técnico de desenvolvimento desportivo, sendo possível envolver-se em diversas actividades de animação, gestão e administração, a diversos níveis organizacionais. Desde seccionista voluntário a decisor político, os treinadores podem ser chamados a intervir no desenvolvimento do desporto e esse conjunto de competências não deve ser negligenciado na formação.

### Competências de Produção e Divulgação de Saberes Profissionais

Uma profissão envolve, não só, a aquisição de diversos Saberes (Saber, Saber Fazer, Saber Estar, Saber Ser) mas, também, um processo de Construção de Saberes. A construção dos Saberes Profissionais é uma elevada responsabilidade do treinador e exige uma formação científica multidisciplinar sólida. No nível

---

<sup>19</sup>A gestão, administração e animação desportiva podem, evidentemente, constituir actividades profissionais específicas.

mais elevado desta actividade profissional manifestar-se-á a capacidade de formulação de necessidades em matéria de pesquisa, a concepção e desenvolvimento de processos de pesquisa, a crítica fundamentada em bases científicas dos seus próprios saberes profissionais, a participação em organizações profissionais, técnicas e científicas que permitam esta construção de saberes. A criatividade, a abertura à inovação e à experimentação, a análise crítica e o desejo de evolução e crescimento profissional serão algumas das bases desta competência.

Tal implica o acompanhamento da produção de conhecimentos científicos e técnicos na sua especialidade, a produção desses conhecimentos e o envolvimento sistemático na sua divulgação. A intervenção como formador de outros treinadores corresponde, também, a uma função do treinador e deve resultar de um nível de mestria elevado no exercício da sua profissão.

As tabelas seguintes sintetizam, em níveis de especificação sucessivos, o perfil de funções e competências do treinador desportivo.

---





Funções do Treinador Desportivo	Competências do Treinador (nível 1 de especificação)	Competências do Treinador (nível 2 de especificação)
<p>1. Desenvolvimento do Processo de Treino Desportivo</p> <p>2. Gestão e Administração do Sistema Desportivo</p> <p>3. Participação na Formação de</p>	<p>1. Competências Científico-Pedagógicas</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 1.Científicas e Técnico-metodológicas</li> <li>• 2. Relacionais e Deontológicas</li> </ul> <p>2. Competências Pessoais</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 1.Formação Geral</li> <li>• 2.Desenvolvimento Pessoal</li> </ul> <p>3. Competências de Gestão e Administração</p> <p>4. Competências de Produção de Saberes</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1.1. Competências Científico-Pedagógicas</li> <li>• Conhecimento dos Fundamentos da Motricidade e do Desporto</li> <li>• Conhecimento da Modalidade</li> <li>• Conhecimento do Homem</li> <li>• Conhecimento do Contexto Social</li> <li>• Conhecimento dos Factores de Elevação da Condição Física</li> <li>• Conhecimento dos Factores de Elevação do Nível Técnico-Táctico.</li> <li>• Conhecimentos Pedagógicos Gerais</li> <li>• Conhecimentos Pedagógico-Didácticos Específicos</li> </ul>

<p>Treinadores</p> <p>4. Funções de Investigação e Criatividade</p>	<p>5. Competências de Divulgação de Saberes</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1.2. Relacionais e Deontológicas</li> <li>• Competências de Relacionamento Interpessoal</li> <li>• Posse e actuação de acordo com um Sistema de Valores Ético – Profissional</li> <li>• Conhecimentos de Facilitação do Desenvolvimento Pessoal e Social</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 2.1 Formação Geral</li> <li>• Cultura geral alargada</li> <li>• Domínio de língua estrangeira</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 2.2 Desenvolvimento Pessoal</li> <li>• Competências de Actuação de acordo com um Projecto de Vida.</li> <li>• Competências de Auto- Avaliação e Formação</li> </ul>
---	---	---

		<ul style="list-style-type: none"><li>• 3. Competências de Gestão e Administração</li><li>• Conhecimentos de Gestão de Organizações Desportivas</li><li>• Conhecimentos de Animação Desportiva</li><li>• Conhecimentos de concepção, implementação e avaliação de projectos de desenvolvimento.</li></ul> <ul style="list-style-type: none"><li>• 4. Produção de Saberes</li><li>• Competência de Concepção, Implementação e Avaliação de projectos de investigação</li></ul> <ul style="list-style-type: none"><li>• 5. Divulgação de Saberes</li><li>• Conhecimentos de concepção, implementação e avaliação de projectos formativos</li></ul>
--	--	--

Tabela 1. Funções e Competências do Treinador Desportivo

Tabela 2: Especificação de competências do treinador.

Competências do Treinador (nível 2 de especificação)	Competências do Treinador (nível 3 de especificação)
--	--

### 1.1. Competências Científico-Pedagógicas

- A. Conhecimento dos Fundamentos da Motricidade Humana
- B. Conhecimento da Modalidade
- C. Conhecimento do Homem
- D. Conhecimento do Contexto Social
- E. Conhecimento dos Factores de Elevação da Condição Física
- F. Conhecimento dos Factores de Elevação do Nível Técnico-Táctico.
- G. Conhecimentos Pedagógicos Gerais
- H. Conhecimentos Pedagógico-Didácticos Específicos

- A. Conhecer os fundamentos da Motricidade Humana enquanto forma cultural e processo de desenvolvimento humano.
- B. Conhecer a modalidade, sua estrutura e características. Conhecimento do conteúdo desportivo.
- C. Conhecimento aprofundado das qualidades do objecto da sua actividade. Conhecimentos de desenvolvimento humano e das características psicológicas, biológicas, sócio-culturais e antropológicas, bem como histórico - filosóficas relativas à condição humana.
- D. Conhecimento das condições contextuais de acção sobre o objecto da acção profissional. Conhecimento dos contextos sociais e culturais do desporto.
- E. Conhecimento dos processos gerais de elevação e manutenção da condição física e dos factores de optimização do rendimento que lhe estão associados.
- F. Conhecimento dos processos gerais de aprendizagem e desenvolvimento motor e dos processos de aquisição e manutenção dos níveis técnico-tácticos

<p>1.2. Relacionais e Deontológicas</p> <p>A . Competências de Relacionamento Interpessoal.</p> <p>B. Posse e actuação de acordo com um Sistema de Valores Ético-Profissional</p> <p>C. Conhecimentos de Facilitação do Desenvolvimento Pessoal e Social.</p>	<p>A . Capacidade de liderança, coordenação, iniciativa pessoal e animação de grupos de trabalho, de cooperação e de gestão das relações interpessoais em situação de conflito.</p> <p>B. Conhece e actua de acordo com princípios éticos e morais de carácter deontológico profissional, no interior de um projecto de vida e de desenvolvimento e participação social activa. Participação institucional activa em diferentes organizações de classe e sócio-culturais diversas.</p> <p>C. Conhecimento dos processos de desenvolvimento pessoal e social, de desenvolvimento moral e cívico, que concretizem a educação de atitudes e valores.</p>
---	---

<p>2.1 Formação Geral</p> <p>A . Cultura geral alargada</p> <p>B. Domínio de língua estrangeira</p>	<p>A . Conhecimentos gerais que permitam alargar os limites do seu conhecimento, corresponder às expectativas dos atletas, desenvolver processos de auto-formação e de abertura à inovação, bem como possuir uma cultura científica geral e específica na área da <b>Motricidade Humana</b>.</p> <p>B. Capacidade de expressão numa língua estrangeira de modo a poder participar em todos os processos de desenvolvimento pessoal e profissional numa perspectiva europeia e mundial.</p>
---	--

<p>2.2 Desenvolvimento Pessoal</p> <p>A. Competências de construção e actuação de acordo com um Projecto de Vida</p> <p>B. Competências de Auto- Avaliação e Auto - Formação</p>	<p>A . Capacidade de construir e reconstruir um projecto pessoal de vida na lógica do seu próprio desenvolvimento e realização pessoal.</p> <p>B. Capacidade de se auto-analisar, de garantir a sua actualização permanente, mantendo-se actualizado relativamente aos desenvolvimentos científicos e profissionais.</p>
--	--

Tabela 2: Continuação da especificação de competências do treinador.



<p>3.Competências de Gestão e Administração</p> <p>A. Conhecimentos de Gestão de Organizações Desportivas</p> <p>B. Conhecimentos de Animação Desportiva</p> <p>C. Conhecimentos de concepção, implementação e avaliação de projectos de desenvolvimento.</p>	<p>A . Conhecimentos de gestão das secções desportivas, dos clubes, das Associações e Federações e de outros organismos ligados ao Desporto.</p> <p>B. Conhecimentos de concepção, implementação e avaliação de processos de animação comunitária.</p> <p>C. Conhecimentos e capacidades de coordenação de equipas e de projectos de desenvolvimento do desporto.</p>
---	---

<p>4. Produção de Saberes</p> <p>A. Competência de Concepção, Implementação e Avaliação de projectos de investigação</p>	<p>A. Competências de pesquisa dos saberes necessários ao seu desenvolvimento pessoal e profissional, bem como de identificação e investigação de problemas científicos e profissionais, sendo capaz de compreender e criticar trabalhos científicos, de os conceber, implementar e avaliar, bem como de comunicar os seus resultados à comunidade.</p>
<p>5. Divulgação de Saberes</p> <p>A . Conhecimentos de concepção, implementação e avaliação de projectos formativos</p>	<p>A. Capacidade de formular necessidades em matéria de formação, de conceber, desenvolver e avaliar projectos de formação, de liderar equipas de formação e de gerir processos de formação na área da sua profissão.</p>

### **III. Um estudo sobre o Perfil de Competências do Treinador**

Esclareça-se que esta problemática das competências do treinador envolve, também, após a sua definição, a necessidade de hierarquização dessas competências em função do seu valor relativo, já que, em termos de planificação da formação, é uma condição para a ponderação/hierarquização das diferentes áreas/disciplinas de formação e para a selecção dos conteúdos e das estratégias de formação.<sup>1</sup> Por outro lado, o nível esperado no final da formação, para cada competência, deverá ser descrito com objectividade.

Naturalmente que importa, de seguida, num plano de grande coerência com as decisões anteriores, seleccionar os conteúdos/matérias e as estratégias de formação que correspondem a cada elemento do perfil de competências<sup>2</sup>, ponderando-os e agrupando-os em áreas disciplinares e disciplinas<sup>3</sup> no interior de um dispositivo de formação.

Em estudo empírico (Simão J., Rosado, A., 1999) procurámos estudar os factores essenciais da representação da profissão pelos treinadores permitindo-nos concretizar uma primeira tentativa de validação do perfil de competências enunciado e, em particular, proceder a uma apreciação do valor relativo, da hierarquia ou importância atribuída a cada competência, em função da percepção pelos treinadores da sua importância profissional.

---

<sup>1</sup> Esta hierarquização é particularmente evidente quando as formações são muito curtas e a necessidade de estabelecer prioridades se evidencia. É o caso da maior parte dos actuais cursos de treinadores.

<sup>2</sup> Estes conteúdos e estratégias não terão de ser todos inventados mas importa não esquecer que se pede à formação que torne os treinadores aptos para um futuro profissional que não se conhece bem, como não se conhecem bem as estratégias de passagem da análise das actividades para os conteúdos de formação.

Cento e dois treinadores, inquiridos sobre a sua representação do perfil de competências profissionais do treinador (e sobre a sua auto-percepção de eficácia relativamente a diversos elementos do perfil), responderam a um questionário deduzido da estrutura conceptual apresentada acima.

A análise factorial, pelo método das componentes principais, explicando 76% da variância, permitiu-nos encontrar dez factores como definidores do perfil percebido do treinador. Esses factores não se afastam, significativamente, do perfil teórico que traçámos, embora a sua interpretação deva ser cuidada nalguns aspectos. Os factores presentes eram:

1. Produção e Divulgação de Saberes.
2. Gestão e Administração.
3. Conhecimento do Homem I ( Fundamentação Biológica e Desenvolvimento).
4. Conhecimento do Homem II (Análise Social do Desporto).
5. Técnico - Metodológica I – Elevação dos Factores da Condição Física e Elevação do Nível Técnico - Tático (metodologia do treino).
6. Técnico - Metodológica II (fundamentação de aspectos complementares de qualificação do treino desportivo).
7. Didáctico - Metodológicos Gerais I (dimensão psico-pedagógica).
8. Didáctico - Metodológicas Gerais II (saber ensinar).
9. Deontologia.
10. Relacional (Relação com os Media).

---

<sup>3</sup> Para definir os conteúdos de formação tomam-se, habitualmente, por referência, as disciplinas científicas que sustentam ou são supostas estar na base das competências necessárias.

Deste estudo ressalta a referência a todas as funções profissionais que enunciámos com particular ênfase na Função de Desenvolvimento do Processo de Treino Desportivo. No que respeita aos quatro grupos de competências definidas, são as Competências da Dimensão Técnico-Methodológica, que parecem ser mais valorizadas. Estão menos ou mesmo não representadas as Competências Pessoais, nomeadamente, as que se referem à Formação Geral e às de Desenvolvimento Pessoal. Estas constatações devem, no entanto, ser interpretadas à luz de limitações provindas do próprio instrumento de medida, que não aprofundaremos, e carecem de confirmação posterior.

Genericamente conclui-se que as representações dos treinadores se aproximam de uma visão eclética da profissão mas onde a dimensão técnica e a respectiva fundamentação científica, associada à função de desenvolvimento do processo de treino, constitui a referência dominante. Parecem, existir, também, concepções diferenciadas para grupos de treinadores distintos pelo que a análise das especificidades introduzidas por grupos diferenciados de treinadores deve ser considerada na investigação.

Factores agrupando variáveis associadas à metodologia do treino, à fundamentação biológica, sociológica, pedagógica, psico-pedagógica, deontológica, de administração/gestão e de produção e divulgação de saberes profissionais podem ser encontrados, também, na auto-percepção dos treinadores acerca do domínio das diversas competências profissionais (Simão J., Rosado, A. 1999). Tais constatações, sem prejuízo de confirmação e aprofundamento em futuros estudos, parecem garantir a possibilidade de utilizar o perfil definido como um instrumento adequado de reflexão sobre a problemática da definição do perfil de formação de

treinadores, da definição do valor relativo dos diversos elementos do perfil, de selecção dos conteúdos de formação e de organização geral da formação.

#### **IV. Conclusão**

O perfil profissional definido resulta de uma reflexão que se iniciou com a inventariação das principais funções profissionais, daí derivando as competências que se consideram necessárias ao seu exercício. Destacámos competências na área do Saber, do Saber Fazer, do Saber Estar e do Ser, cuidando de avisar para a forte redução que esta divisão comporta ao não ter em conta a dinâmica particular que une estes diferentes saberes entre eles. A reflexão sobre o perfil profissional realizada é um trabalho em curso, mas gostaríamos de destacar, para finalizar, alguns aspectos essenciais.

- A actividade profissional de treinador terá de ser compatibilizada com outra profissão na área das profissões do desporto. Qualquer outra perspectiva é redutora da possibilidade de se formarem, a nível superior, os treinadores que o sistema desportivo necessita. Os cenários de desenvolvimento da profissão que conseguimos desenhar para os próximos anos não são compatíveis com uma concepção estrita e uma formação de banda estreita.
- A formação de treinadores terá de ser de nível superior e de natureza universitária, condição imprescindível para o desenvolvimento do sistema desportivo.
- Entender, também, que o treinador é alguém que, enquadrando um ou mais praticantes, exerce influência sobre estes no sentido de obter valores acrescidos

de rendimento desportivo, a concepção tradicional, é uma perspectiva limitada do campo profissional, das suas funções e competências. Essa influência visa modificar os indivíduos sob sua orientação numa primeira grande direcção, mais imediata e visível, consubstanciando-se na modificação de estruturas psico-motoras, cognitivas e sócio-afectivas que asseguram ganhos de rendimento desportivo, mas, a esta dimensão de intencionalidade explícita, acrescenta-se uma influência, muitas vezes não intencional, pouco explícita ou não-consciente, exercendo efeitos ocultos sobre o rendimento desportivo e sobre a pessoa do praticante. As questões de desenvolvimento pessoal e social não são negligenciáveis nem assunto menor. A prática profissional do treinador desportivo influencia o desenvolvimento motor na sua dimensão biológica, facilitando e optimizando o desenvolvimento das principais capacidades físicas envolvidas na prática dessa modalidade; determina o desenvolvimento de capacidades de execução dos gestos técnicos e táticos característicos desse desporto; transmite conhecimentos que suportam, no plano cognitivo, o desenvolvimento motor na aquisição das habilidades desportivas e, por último, fomenta o desenvolvimento de atitudes, valores e comportamentos sociais particulares, característicos da actividade desportiva e do meio desportivo particular em que se insere.

- Para o cabal exercício destas funções reconhece-se que os treinadores desportivos devem ser formados com base numa abordagem que privilegie uma formação tecnológica mas, também, científica, cultural, humanista e personalista, num percurso de formação eclético com valências equilibradas em todas estas dimensões. Acreditamos, ainda, que a formação de competências da dimensão pessoal e cultural deve ser tão importante quanto a formação técnica.

- Competências cognitivas e, em particular, sócio-afectivas devem, assim, ser incluídas na formação dos treinadores, fugindo à perspectiva de “técnico desportivo” que parece ser dominante entre nós.
- O que se pede ao treinador do século XXI é, não só, um grande domínio da modalidade, da sua metodologia e dos seus aspectos organizativos, mas, também, uma nova atitude face aos atletas nos aspectos de motivação e suporte emotivo. Pede-se-lhe, também, com grande ênfase, o desenvolvimento de aspectos associados ao seu próprio desenvolvimento pessoal e social e à sua participação cívica e cultural como factor fundamental de exercício profissional.

#### **IV. Referências Bibliográficas**

Bento, J. (1996). “Pedagogia do Desporto. Contexto e Perspectivas”. I Simposium de Desporto. I.P.V-E.S.E.

Damião, H. (1997). De aluno a professor. Minerva. Coimbra.

Shulman, S., (1987). Knowledge and Teaching: Foundation of a new reform. Harvard Review nº 57.

Siedentop, D. (1983). Develloping Teaching Skills in Physical Education. Palo Alto. Mayfield Publishers.



Simão J., Rosado, A. (1999). A Formação do Treinador. Análise das Representações dos Treinadores em Relação à sua Formação. Trabalho de Investigação não-publicado.

A INVESTIGAÇÃO DA COMPETÊNCIA PEDAGÓGICA  
DOS TREINADORES <sup>4</sup>

**José Rodrigues**

---

<sup>4</sup> Conferência apresentada no Encontro Nacional de Pedagogia do Desporto, organizado pela Escola Superior de Desporto de Rio Maior – IPS, em 25 de Março de 1999.

Professor Coordenador da Escola Superior de Desporto de Rio Maior  
Presidente do Conselho Científico da Escola Superior de Desporto de Rio Maior

A investigação sobre a competência pedagógica dos treinadores têm sido desenvolvida durante os últimos anos de acordo com diversos paradigmas e no quadro de muitas influências de áreas científicas afins à Pedagogia do Desporto.

Neste sentido, parece-nos legítimo que se procure definir o enquadramento conceptual desta linha de pesquisa, que têm tido um desenvolvimento acentuado nos trabalhos produzidos no âmbito das Ciências do Desporto.

Referindo-me à sistematização que é apresentada em Rodrigues (1996), poderei expor as principais tendências da investigação nesta área. Assim, são estes os temas de pesquisa mais comuns nos últimos trabalhos produzidos :

- Treinadores de Sucesso (Mestria) – aborda a mestria profissional (pedagógica), dos treinadores que têm vindo a obter sucesso nas competições e provas que têm disputado; apresenta muitas vezes estudos de caso;
- Pensamento e o Comportamento dos Treinadores – trata de estudar o perfil de decisões e de expectativas dos treinadores, bem como o perfil de comportamentos, das funções pedagógicas dos treinadores; utiliza metodologias comparativas e correlacionais;
- Feedback Pedagógico dos Treinadores – realiza uma análise multidimensional da estratégia de feedback pedagógico, bem como as

dimensões associadas aos atletas, suas opiniões e comportamentos; revela-se através dos resultados quantitativos, percentagens e ratios, bem como por métodos qualitativos de análise do conteúdo e do seu carácter;

- Diagnóstico (observação) dos Treinadores – tema que trata a observação qualitativa, nas fases anteriores à intervenção do treinador; utiliza grupos experimentais e de controlo em design de laboratório;
- Treinadores no “Desporto Escolar” e no “Clube Federado” – os contextos do exercício profissional, o treinador em diversas situações; estudos comparativos;
- Treinador durante a Época Desportiva – as variáveis de programa, os objectivos dos treinos, os momentos da época, as finalidades, influenciam a actividade pedagógica do treinador; estudos comparativos;
- Treinador de Jovens – o desempenho dos atletas, o nível de prática, a formação desportiva dos jovens, são variáveis que determinam a intervenção pedagógica, revelam a ideologia de formação dos treinadores; estudos comparativos e correlacionais;
- Treinador nos diversos conteúdos do treino – aborda os conteúdos do treinos e os momentos críticos do treino face aos estilos de intervenção pedagógica do treinador; estudos comparativos e correlacionais;
- Treinador em Competição – o acesso à actividade pedagógica do treinador em competição, está a dar os primeiros passos, direcciona-se para os perfis de actividade, para a instrução e feedback, para a gestão da equipa (de conflitos), para os estudos de caso, etc.
- Formação dos Treinadores – carece esta área de muito desenvolvimento, orientando-se para pesquisas de tipo experimental, semi-experimental, psicológico e ou sociológico.

Nesta listagem de temas de pesquisa parece ser consensual a identificação de algumas variáveis sempre presentes. As principais funções pedagógicas do treinador (decisões e estratégias), bem como as repercussões pedagógicas no atleta são a charneira temática das principais pesquisas efectuadas. Assim sendo, temos nas diversas dimensões as seguintes variáveis

- INSTRUÇÃO
  - Comunicação da Informação
  - Correção (diagnóstico-prescrição)
  - Avaliação Positiva e Negativa
  - Demonstração
  - Questionamento
- ORGANIZAÇÃO
  - Gestão das rotinas do treino
  - Controlo do fluxo do exercício
  - Regras de funcionamento
  - Formação de grupos
- INTERACÇÃO
  - Afectividade Positiva e Negativa
  - Interação com dirigentes
  - Interação com treinadores
  - Pressão
  - Outras Conversas
- CONTROLO
  - Observação silenciosa

- Atenção às Intervenções Verbais
- Posicionamento e deslocação
- Estratégias indirectas de controlo
- ACTIVIDADE
  - Actividade Motora
  - Não-Actividade Motora.

Este conjunto de variáveis poderá ser estudado sob diversos prismas, traduzindo-se em orientações metodológicas e linhas de pesquisa que se subdividem em :

- Variáveis Cognitivas
  - são as expectativas do treinador face ao treino ou competição, aos atletas e seu desempenho;
  - são as decisões de planeamento (pré e pós interactivas), as decisões de gestão do treino e da competição (interactivas), as decisões de gestão dos atletas (conflitos);
  - são os valores e as opiniões, a ideologia, as finalidades da formação desportiva;
- Variáveis Comportamentais
  - são as estratégias pedagógicas, os estilos de treino, as técnicas de intervenção pedagógica, as funções pedagógicas;
- Variáveis do Conteúdo
  - são as tarefas, os exercícios, as actividades, as formas jogadas;
  - é a análise da tarefa, os constrangimentos da aprendizagem motora, o controlo motor na execução da tarefa.

Assim, estamos perante um quadro conceptual de temas de pesquisa, de variáveis e de metodologias, que se influenciam sistemicamente, produzindo uma área de pesquisa, ou melhor, uma área científica que procuraremos sistematizar no texto seguinte.

Parece-nos útil que também identifiquemos as diversidades metodológicas que subsistem neste âmbito científico.

Os métodos de pesquisa mais comuns têm sido:

- a amostragem conjuntural – isto é tratando-se de grupos ou casos que têm um valor conjuntural reflectindo exclusivamente a efemeridade do fenómeno desportivo;
- os instrumentos de análise qualitativa – são instrumentos fundamentais para a apreciação e estudo das variáveis cognitivas, carecendo de muita atenção acerca dos procedimentos de validação e de fidelidade, que são a garantia do rigor científico;
- os instrumentos de observação sistemática – sendo muito mais objectivos que os anteriores, inferem naturalmente de um certo grau de inferência e de subjectividade do observador, devendo ser minimizados estes erros; garantia de validação e de fidelidade;
- Técnicas estatísticas não-paramétricas – possibilitam o estudo com grupos de n reduzido, tão típicos nas amostras conjunturais;
- Técnicas de análise multivariada – possibilitam a pesquisa das influencias em quadros de grande quantidade de variáveis, típicos dos estudos das ciências sociais.

O objectivo deste texto é, portanto, situar o desenvolvimento da pesquisa sobre o processo pedagógico em Desporto. Pretendemos identificar e reflectir sobre os principais paradigmas conceptuais utilizados na investigação pedagógica em Desporto.

## **1. Paradigmas da Pedagogia do Desporto**

A aplicação dos paradigmas de pesquisa da Pedagogia Geral, à análise do ensino da Educação Física, poderá ser benéfica pois enquadra devidamente o pensamento científico e sistémico relativamente às principais variáveis que são típicas do processo de ensino referido. Posteriormente, a adaptação destes últimos paradigmas ao processo de treino em Desporto, nomeadamente na análise da relação treinador-atletas e suas consequências no rendimento desportivo, abre perspectivas até agora inexploradas e necessariamente inovadoras.

No entanto, o quadro teórico e epistemológico da concepção dos paradigmas da Pedagogia do Desporto, na análise do processo de treino em Desporto, apresenta-se fundamentado nos modelos de investigação no sistema educativo, na análise do processo de ensino da Educação Física. Apesar desta influência o processo de treino tem especificidades que o distinguem claramente do campo da Educação Física e se constituem como sistema autónomo na investigação pedagógica.

Desde, as variáveis de presságio, que jogam com a formação e com as expectativas dos treinadores até ao produto do processo de treino, reflectindo o resultado das competições e os ganhos na condição dos atletas. Passando pela particularidade dos diversos contextos que podem ser criados no âmbito do Desporto, por exemplo o Desporto para jovens iniciados e o Desporto profissional de alta-competição.

Na pesquisa pedagógica sobre o ensino da Educação Física têm sido utilizados diversos paradigmas que de certa forma tiveram a sua origem nos modelos de investigação seguidos pela Pedagogia Geral (Piéron, 1993).

A grande maioria dos trabalhos situam-se sobre os modelos típicos de “Descrição-Correlação-Experimentação”, apresentado por Rosenshine & Furst (1973), ou “Presságio-Processo-Produto”, descrito por Mitzel (1960), no quadro da relação educativa para o ensino em geral, e adaptado e especificado por diversos autores ao nível do processo de ensino da Educação Física (Carreiro da Costa, 1988; Piéron, 1976, 1982, 1986a; Tousignant & Brunelle, 1982).

Mais recentemente temos vindo a assistir a um diversificação dos modelos de pesquisa, que se associam ou completam aos paradigmas já referidos: a pesquisa etnográfica; o paradigma dos processos mediadores; a pesquisa sobre mestres (“experts”).

Assim, julgamos interessante sistematizar estes paradigmas permitindo o entendimento da sua aplicação ao Desporto.

O treinador e os atletas são preferencialmente os alvos deste tratamento analítico. Deste modo, onde tipicamente se observa o professor de Educação Física temos o treinador, e onde vulgarmente se fala de alunos, iremos observar os atletas. Fica-se naturalmente com a insatisfação de que o estudo dos outros intervenientes (dirigentes, massagistas, pais, etc.) está muito pouco desenvolvido.



Colocam-se no entanto algumas questões. “Como o treinador apresenta os seus exercícios no treino? Como é que ele os organiza e implementa? Como intervêm para motivar os seus atletas, como exige o máximo do seu esforço, como estabelece uma relação de confiança com eles? Como corrige, como intervêm para melhorar a prestação dos atletas?” (Piéron, 1988). E ainda, no capítulo da especificidade competitiva como é que o treinador gere a competição, que instruções são fornecidas, que motivação é desenvolvida ?

Embora, possamos afirmar que existem algumas semelhanças com a análise do processo de ensino da Educação Física, parece-nos que é possível construir um discurso explicativo independente deste sistema, face às especificidades que fenómeno desportivo apresenta. Como por exemplo, as diferenças essenciais nos objectivos, a quantidade restrita de atletas, o nível de performance dos atletas, a sua motivação.

Assim, teremos necessariamente que ressaltar as situações específicas que o processo de treino em Desporto nos coloca e que adiante serão desenvolvidas.

### **1.1. Descrição - Correlação - Experimentação**

A aplicação do modelo de investigação “Descrição-Correlação-Experimentação” (Rosenshine & Furst,1973) ao processo de treino em Desporto, coloca-nos perante três elementos fundamentais de pesquisa:

- a descrição do processo relacional treinador-atletas, desenvolvendo métodos e procedimentos qualitativos e quantitativos;

- a relação entre as variáveis descritivas do processo pedagógico em Desporto e os seus resultados, medidos através dos ganhos de prestação, ou da modificação comportamental, no tocante aos intervenientes no processo desportivo;
- a pesquisa que controlando algumas variáveis do processo de treino, realiza uma certa manipulação de outras variáveis, aplicando modelos de análise estatística para interpretação dos resultados, sobretudo ao nível da comparação de grupos ou da análise discriminante e factorial.

Esta abordagem sequencial pode ser ultrapassada, fazendo depender umas etapas das outras por ordem de influência diversa. Isto é, por exemplo, um estudo que efectua uma pesquisa controlada, experimental, visando a criação ou validação de novos instrumentos de descrição da realidade.

## **1.2. Presságio - Processo - Produto**

Este paradigma tem sido o mais utilizado nas ainda poucas investigações pedagógicas que incidem sobre o processo de treino. Assim, adaptando o modelo de análise do ensino da Educação Física (Piéron, 1986a) ao treino em Desporto, temos os seguinte grupos de variáveis :

- de presságio – variáveis que se identificam com o treinador, a sua formação e experiência profissional, as suas características;
- de contexto - variáveis que se identificam com os atletas, o seu nível de prática, o envolvimento, as condições materiais de treino;
- de programa - variáveis que se identificam com os objectivos e programa do treino;

- de processo - variáveis que se identificam com os intervenientes no processo desportivo (treinador, atletas, dirigentes, etc.);
- de produto - variáveis que se identificam com os resultados do treino desportivo.

### **1.3. Observação Etnográfica**

Apesar da existência de poucos estudos neste paradigma aplicado ao Desporto, julgamos interessante referi-lo em virtude do entusiasmo que tem obtido no domínio do ensino da Educação Física.

“As descrições críticas e minuciosas obtidas através da observação etnográfica contribuem certamente para a explicação e interpretação dos fenómenos que acontecem na aula” (Piéron, 1993). No entanto, a sua limitação ao contexto observado dificulta severamente a generalização ou mesmo a identificação de padrões gerais que caracterizem a situação.

A interpenetração das pesquisas qualitativas e quantitativas proporciona uma abordagem completa e extensiva do fenómeno. Este equilíbrio metodológico possibilitaria estudar as relações entre os intervenientes e as situações específicas de cada momento de ensino (Earls, 1986).

A aplicação ao Desporto afigura-se de interesse redobrado em virtude do contexto específico e circunstancial que cada processo de treino assume. Até porque a interferência no processo de treino através de instrumentos de recolha perturbando o normal funcionamento do treino poderá enviesar os dados recolhidos. Deste modo, julgamos que será uma perspectiva metodológica a desenvolver.

#### **1.4. Os Processos Mediadores**

De um modo geral pode ser definido como o processo de mediação entre o estímulo pedagógico e a aprendizagem dos alunos. Num processo de ensino o professor emite ou produz um estímulo ao qual se ajustará uma resposta verbal ou motora dos alunos. O processo que decorre entre este estímulo e a resposta é designado como mediador.

São processos mentais de tratamento da informação. Trata-se de reconhecer a mensagem emitida pelo professor e seleccionar o que for importante para o desenrolar da tarefa.

Este paradigma tem sido desenvolvido em investigações que se orientam sobretudo para a capacidade de análise técnica dos treinadores (Sarmiento, 1987; Rosado, 1995). No entanto, muito ainda há para investigar no que respeita aos processos mentais de interpretação e aprendizagem dos atletas. Deste modo, parece-nos importante o desenvolvimento de pesquisas sobre a área dos processos mediadores dos intervenientes no Desporto.

#### **1.5. Os Mestres (“Experts”) – Os Treinadores de Sucesso**

Os “mestres” realizam inferências de casualidade sobre acontecimentos aos quais os “inexperientes” se limitam a observar superficialmente. Os “mestres” colocam os problemas pela sua verdadeira importância enquanto que os “inexperientes” identificam-nos a partir das evidências superficiais. Os “mestres” possuem padrões rápidos e precisos de resposta a situações de ensino, elaboram representações dos

problemas pedagógicos, apresentam mecanismos de auto-regulação e avaliação dinâmica e eficaz, revelam a sua competência pedagógica através da prática progressiva e prolongada no tempo (Berliner, 1986).

Este paradigma tem sido aplicado com alguma regularidade ao contexto do sistema educativo, visando o ensino da Educação Física. Existem, pois, alguns trabalhos evidenciando as diferenças entre professores “mestres” e professores “inexperientes”, no que respeita ao planeamento (Griffey & Housner, 1991), no seu comportamento na aula (Piéron, 1982; Piéron & Cloes, 1981; Piéron & R. Delmelle, 1982; Piéron & Georis, 1983) e nas suas tomadas de decisão (Graham, Hopple, Manross & Sitzman, 1993).

Uma das dificuldades deste tipo de pesquisas é a identificação e caracterização do conceito de “mestre” (“expert”) e de “inexperiente”. Naturalmente que este último é tipicamente um professor no início da sua carreira ou ainda em formação. A escolha dos “mestres” obedece a alguns critérios de selecção, a saber: - recomendação por supervisores institucionais; - reconhecimento por supervisores universitários; - o currículo pessoal revelando o envolvimento nos processos de formação contínua dos seus colegas (Piéron, 1993).

A “mestria” (“expertise”) numa interpretação comportamentalista é caracterizada por (Siedentop & Eldar, 1989):

- uma capacidade de discriminações mais finas e precisas, tornando melhor a qualidade do julgamento, fundamental no processo de treino;
- uma capacidade de resposta mais apurada e rápida, apresentando uma melhor antecipação e velocidade de reacção às situações;

- um repertório técnico mais apurado e extenso, permitindo uma maior selecção de respostas perante a situação;
- uma capacidade de analisar a situação para além do imediatismo que o estímulo apresenta, procurando encontrara as causas profundas da actividade, dando origem a uma mais adequada resposta;
- uma independência do plano, isto é, não se apresentam absolutamente circunscritos ao que planearam mas são capazes de se ajustarem às circunstâncias da realidade, ajustando então o seu comportamento;
- uma capacidade de auto-análise e crítica da sua própria competência.

perfil dos treinadores com sucesso originando “escolas” de treinadores. De qualquer modo, esta afirmação deve ser entendida como uma hipótese de pesquisa, porque ainda são poucas as referências a estudos utilizando a comparação objectiva entre os treinadores de sucesso e os treinadores “inexperientes”.

No entanto, o estudo da relação entre a “mestria” (“expertise”) e o sucesso desportivo nos treinadores ainda está por realizar. Será que os treinadores com maior capacidade (“mestres”) são os treinadores que melhores resultados desportivos obtêm? Qual é a relação que o rendimento desportivo tem com a competência dos treinadores?

## **2. O Modelo de Análise da Relação Pedagógica em Desporto**

As variáveis de presságio dizem respeito às características do treinador, que podem exercer influência nos efeitos do treino. Tais como: a formação inicial do

treinador; a experiência profissional acumulada no processo de treino; a formação contínua à qual vai sendo submetido decorrendo das necessidades do próprio treino; as características pessoais intrínsecas, como a motivação, a inteligência, a personalidade, os valores, etc..

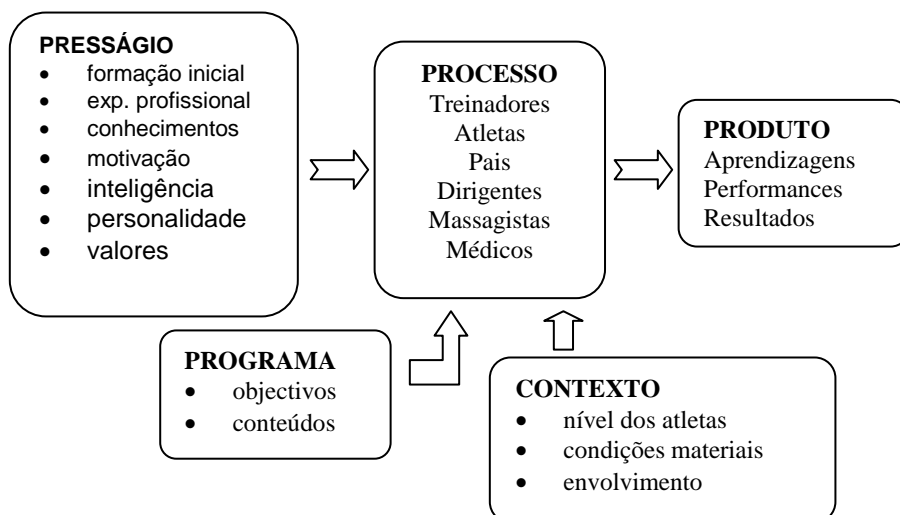
A pesquisa sobre estas variáveis tem sido pouco utilizada pelo facto de alguns autores considerarem diminuta a sua influência no processo pedagógico. É típico citar Bloom (1979) referindo-se aos escassos 5% da variância do rendimento dos alunos atribuída às variáveis de presságio.

Por outro lado, enquanto a formação de professores, quer do ensino geral, quer da Educação Física, têm obedecido nos últimos anos a padrões e currículos muito próximos, no sistema desportivo, a formação de treinadores está ainda longe de ser um processo global e criterioso.

O processo de creditação dos treinadores é ainda pouco objectivo em muitos casos, pelo que carece de investigação a influência que certos modelos e práticas de formação têm sobre a capacidade técnica e cognitiva dos treinadores. É também, necessário verificar qual o impacto que certas correntes metodológicas têm na formação dos treinador e conseqüentemente no processo de treino dos atletas.

Assim pensamos que estas variáveis podem assumir um peso bem diferente na influência do processo pedagógico e nos resultados a atingir.

O esclarecimento dos valores e das atitudes dos treinadores pode contribuir para uma interpretação mais eficaz dos comportamentos e decisões deste relativamente



à sua relação com os atletas e dirigentes, quer em treino, quer em competição.

Figura 1 - Modelo de Análise da Relação Pedagógica em Desporto (Rodrigues, 1996)

As variáveis de processo dizem respeito aos comportamentos, decisões e interacções susceptíveis de acontecerem no treino ou mesmo na competição. Portanto, trata-se aqui, de caracterizar o que se passa realmente no treino, isto é, os principais comportamentos e decisões dos diversos intervenientes e suas inter-relações, nas diversas fases do processo. Deste modo, poderá ser analisado o comportamento dos treinadores, dos atletas, dos dirigentes, dos juizes, dos pais, dos enfermeiros, etc., anterior à interacção (pré-interactivas), durante a interacção (interactivas) e após a interacção (pós-interactivas).



Qual é o tempo que o treinador dedica para o atendimento dos pais dos atletas jovens? Como interage com o massagista? Que estratégias utiliza na sua relação com os dirigentes? E com os atletas que tipo de intervenção têm? Como suscita o máximo do seu empenhamento? Qual é a reacção dos atletas às intervenções do treinador? Como é que eles se envolvem nas actividades?

Estas questões levantam algumas das hipóteses de pesquisa que estão associadas a este paradigma.

A descrição do processo pedagógico, no ensino em geral, e especificamente, na Educação Física tem sofrido um incremento importante nas últimas décadas (Piéron, 1993). Ao transportarmos este modelo para o sistema desportivo, temos ainda muito dados para recolher, para analisar. Existem relações que tem sofrido pouca reflexão, e outras que estão necessariamente ligadas às diversas variáveis que fazem de cada processo de treino uma especificidade muito particular, tornando relativamente volátil os dados que são recolhidos e as conclusões que daí se podem engendrar.

No treino desportivo as condições contextuais e programáticas são bastante mais variadas que no sistema educativo, pelo que é urgente reflectir sobre estas variáveis, possibilitando pelo menos uma estruturação dos seus factores principais.

As variáveis de contexto, referem-se às condições em que o treino decorre, obrigando muitas vezes o treinador a ajustamentos importantes, interferindo no próprio processo pedagógico. Assim temos, o envolvimento, o equipamento e instalações que o treinador pode utilizar, temos ainda as características dos atletas (nível socio-económico; estatuto amador-profissional; idade; sexo; condição física

e motora; etc.). Neste domínio as expectativas dos atletas e outros intervenientes poderá condicionar definitivamente qualquer relacionamento.

Para Piéron (1986), estas variáveis constituem factores independentes do professor (treinador), mas que deveriam exercer um impacto no processo de ensino (treino) e na sua qualidade.

Tousignant & Brunelle (1982) criaram a separação entre as variáveis de programa e de contexto. Assim definiram como influências que estão directamente dependentes da tomada de decisão do professor, os objectivos a perseguir e as matérias a ensinar. Deste modo, poderemos dizer que o treinador ao definir o conteúdo do seu processo de treino (matérias e objectivos) está a influenciar consideravelmente os seus comportamentos e os dos diversos intervenientes no processo de treino. Esta afirmação poderá ser suportada pelas investigações no ensino da Educação Física de Piéron (1982) e Telama, Paukku, Varstala & Paananen (1982). É pois necessário que se investigue as tomadas de decisão do treinador, sobretudo ao nível da identificação dos objectivos e dos conteúdos de treino.

As variáveis de produto dizem respeito ao resultado do processo pedagógico. No sistema desportivo, estas variáveis, reflectem as aprendizagens dos atletas, os efeitos educativos, a melhoria da condição física, técnica, táctica, psicológica, etc.. Mas também temos que considerar, apesar de existir algumas reticências, como resultado do processo de treino, as performances e resultados obtidos nas competições.

Se no ensino em geral, e na Educação Física em particular, a existência de estudos pedagógicos tipicamente experimentais é reduzida, então em Desporto tal facto é praticamente inexistente. A capacidade de desenvolvermos modelos de pesquisa que controlem variáveis importantes neste processo, está limitada às condições de interferência natural da investigação experimental, pelo que se torna muito difícil aceder ao Desporto através deste modelo.

No entanto, parece que, em Desporto, pelo uso sistemático de controlo da forma física e técnica, seria acessível fazer estudos experimentais em situações reais de treino, controlando algumas variáveis. O acesso ao resultado desportivo pode ser importante para confrontar determinados processos e variáveis com o seu produto.

Apesar de se entender que o resultado das competições não é claramente uma variável de produto, parece-nos muito importante estabelecer um quadro de definição e de relação entre os diversos factores que lhe poderão estar associados, no sentido de encontrar uma definição operacional para o sucesso desportivo e o sucesso pedagógico.

Existe já uma linha de estudo que aponta claramente para a análise comportamental e decisional em competição dos diversos intervenientes.

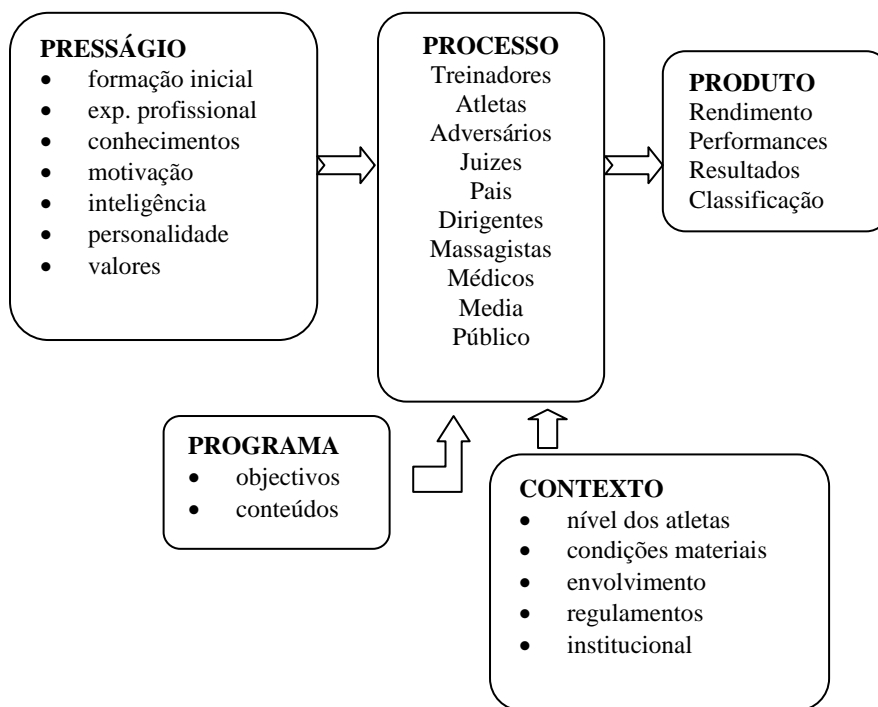


Figura 2 - Modelo de Análise da Relação Pedagógica na Competição (Rodrigues, 1996)

Deste modo, atrevemo-nos a esquematizar a relação pedagógica em competição, tendo por base os modelos de análise já referidos anteriormente (Piéron, 1986).

Na competição, as variáveis de processo estabelecem-se numa teia de inter-relações que envolve diversos intervenientes. Os poucos estudos que se têm efectuado caracterizam-se pela descrição dos comportamentos dos treinadores e eventualmente pela sua relação com os atletas. Seria interessante desenvolver pesquisas sobre os outros intervenientes no processo. Mais recentemente,

verificam-se algumas tentativas de estudar a tomada de decisão do treinador em competição, procurando identificar os factores e variáveis que constituem o fundamento desta intervenção.

Como se comportam os pais quando o seu filho está a perder? Quando o treinador não o coloca a jogar? Qual é o comportamento dos dirigentes quando o atleta atinge uma marca esperada? Como reage o atleta a um castigo do árbitro?

Estas questões podem ser colocadas e estudadas de acordo com o modelo acima identificado.

Numa tentativa de ilustrar este discurso conceptual, realizámos um exercício que nos levou à caracterização das diversas teses de doutoramento e mestrado registadas em banco de dados da biblioteca da Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade Técnica de Lisboa.

Esta base de dados pareceu-nos um excelente meio para encontrar algumas pistas indicadoras das principais linhas da investigação pedagógica em Desporto. Utilizámos os métodos de categorização e da classificação temática, através de factores lógico-semânticos.

Foram analisadas 169 teses de mestrado relativamente às últimas duas décadas. Nas quais só identificámos 14 (8.3%) com relação à área da Pedagogia do Desporto, no contexto do treino desportivo. Neste estudos, cinco relacionam-se também com variáveis da área do Controlo Motor, um com variáveis da Psicologia do Desporto e dois tratam o ensino de Desportos no contexto da disciplina de Educação Física.

Nas teses de doutoramento analisámos 106 estudos, onde somente registámos 17 (16.0%) com relação à área da Pedagogia do Desporto, no contexto do treino desportivo. Neste grupo, cinco relacionam-se também com variáveis da área do Controlo Motor e um com variáveis da Psicologia do Desporto.

### **3. Conclusões e Recomendações**

Os estudos na área da investigação pedagógica em Desporto são reduzidos situando-se entre os 8 % e 16 %. As pesquisas efectuadas são geralmente realizadas em ambiente experimental. Em alguns casos, os estudos desenvolvem-se no contexto real de ensino da Educação Física ou de treino em Desporto. As investigações raramente se aproximam do contexto da competição em Desporto. Assim sendo, poderemos afirmar que este fenómeno desportivo não tem tido a atenção dos investigadores que a sua importância sociocultural exige.

Os trabalhos de investigação pedagógica realizados em Desporto tratam sobretudo as variáveis comportamentais dos intervenientes, tratando-se de procedimentos descritivos, correlacionais ou comparativos.

Estes estudos procuraram encontrar relações com a formação identificando as características dos diversos grupos em análise, partindo deste modo para a discussão do processo formativo dos treinadores e outros agentes, realizando por vezes inferências que carecem de investigação, sendo excelentes hipóteses de pesquisa para trabalhos futuros.

As pesquisas centradas sobre as variáveis cognitivas e sociais (as expectativas, as decisões, as concepções, os valores) dos intervenientes no treino desportivo têm

sido pouco exploradas, quer se trate destas variáveis isoladamente ou através de associações com as variáveis comportamentais. Do ponto de vista metodológico e metrológico estas variáveis carecem de um grande investimento por parte dos investigadores da Pedagogia do Desporto.

No nosso entendimento a investigação pedagógica deverá percorrer ainda um árduo caminho no sentido do conhecimento científico acerca da realidade desportiva. O carácter efémero e conjuntural de que se reveste a prática social no Desporto deverão ser um incentivo para o investimento dos investigadores em Pedagogia do Desporto.

Deste modo, julgamos importante salientar os paradigmas de pesquisa referidos nos capítulos anteriores, bem como explorar alguns agrupamentos de variáveis que podem concretizar-se em linhas de investigação.

Assim quer se trate do treino ou da competição, embora cada contexto tenha intervenientes específicos e variáveis particulares, poderemos valorizar as seguintes tendências da investigação pedagógica:

- “as funções pedagógicas” dos intervenientes (treinadores, atletas, dirigentes, pais, juizes, etc.) reflectindo o estudo das variáveis comportamentais, cognitivas e afectivas, nos diversos momentos da relação pedagógica, (pré-interacção; interacção; pós-interacção);
- “as condições de execução e de eficácia técnica e táctica dos conteúdos desportivos”, estudando os indicadores de execução dos intervenientes no treino e na competição, perspectivando a sua eficácia e a recolha de informação para o sucesso pedagógico;

- “as expectativas, as concepções, os valores” dos intervenientes (treinadores, atletas, dirigentes, pais, juizes, etc.), realizando estudos descritivos, comparativos e correlacionais nos diversos contextos específicos do Desporto;
- “as decisões pedagógicas” dos intervenientes (treinadores, atletas, dirigentes, pais, juizes, etc.), focalizando-se na metodologia dos estudos caso, por vezes longitudinais, acompanhando as tomadas de decisão dos diversos intervenientes no processo desportivo.

Á guisa de conclusão, poderemos afirmar que a investigação pedagógica em Desporto se encontra num estágio de desenvolvimento acelerado e que solicita aos investigadores uma preocupação constante de aperfeiçoamento e actualização. Esta nossa síntese pretendeu também contribuir para o enquadramento conceptual das principais tendências e linhas de investigação, suportada pela identificação de diversos paradigmas de pesquisa aplicáveis à Pedagogia do Desporto.

#### **4. Referências Bibliográficas**

BERLINER, D. (1986). “In pursuit of the expert pedagogue”, in Educational Research, vol. 15, pp 5-13.

BLOOM, B. (1979). Caractéristiques individuelles et apprentissages scolaires. Ed.Labor, Bruxelles

CARREIRO DA COSTA, F. (1988). O sucesso pedagógico em Educação Física. Estudo das condições e factores de ensino-aprendizagem associados ao êxito numa



unidade de ensino, Volume I e II, Tese de Doutoramento não publicada, UTL-ISEF, Lisboa.

EARLS, N. (1986). “Naturalistic inquiry : interactive reserach and the insider-outsider perspective”, in Journal of Teaching in Physical Education, vol. 6 (special monograph), pp 7-101

GRAHAM, G., HOPPLE, C., MANROSS, M. & SITZMAN, T. (1993). “Novice and experienced children’s physical education teachers : insights into their situational decision making”, in Journal of Teaching in Physical Education, vol. 12, pp 197-214

GRIFFEY, D. & HOUSNER, L. (1991). “Differences between experienced and inexperienced teachers’ planning decisions, interactions, student engagement and instructional time”, in Research Quarterly for exercise and Sport, vol. 62, pp 196-204

MITZEL, H. (1960). “Teacher effectiveness”, in C.Harris (Eds), Encyclopaedia of education research, McMillan, New York.

PIERON, M. (1976). Didactique et méthodologie des activités physiques. Université de Liège, Liège

PIERON, M. (1982). Analyse de l'enseignement des activités physiques. Ministère de l'Education Nationale et de la Culture Francaise, Bruxelles.

PIERON, M. (1986). Enseignement des activités physiques et sportives. Observation et recherche. Université de Liège, Liège.

PIERON, M. (1988). “La relation pedagogique d’entrainement”, in Sport, n° 121, pp. 12-17.

PIERON, M (1993). "Analyser l'enseignement pour mieux enseigner", in Dossiers EPS, n°16, Éditions Revue EPS, Paris.

PIERON, M. & CLOES, M. (1981). “Interactions between teachers and students in selected sports activities : the student as a starting point”, in Artus, vol. 9/11, pp 185-188

PIERON, M. & DELMELLE, R. (1982). “Augmented feedback in teaching physical education : responses from students”, in M:Pieron & J.Cheffers (Eds), Studying the teaching in physical education. AIESEP, Liège, pp 141-150.

PIERON, M. & GEORIS, A. (1983). “Comportements d’enseignants et interactions avec leurs élèves, observation dans l’enseignement de la «modern danse»”, in Revue de l’Education Physique, vol. 23, n° 4, pp 42-45.

RODRIGUES, J. (1996). O Comportamento do Treinador. Estudo da Influência dos Treinos e do Nível de Prática dos Atletas na Actividade Pedagógica do Treinador de Voleibol. Tese de Doutoramento, não publicada. UTL-FMH. Lisboa.

ROSADO, A. (1995). Observação e Reacção à Prestação Motora. Estudo da Competência de Diagnóstico e Prescrição Pedagógica em Tarefas Desportivas Características do Atletismo. Tese de Doutoramento, não publicada. UTL-FMH. Lisboa.

SARMENTO, P. (1987). Observação de Movimentos Desportivos: Influência da Formação e da Experiência na Identificação de Erros Técnicos em Natação. Tese de Doutoramento, não publicada. UTL-ISEF. Lisboa.

SIEDENTOP, D. & ELDAR, E. (1989). “Expertise, experience and effectiveness”, in Journal of Teaching in Physical Education, vol. 8, pp 254-260.

TELAMA, R.; PAUKKU, P.; VARSTALA, V. & PAANANEN, M. (1982), “Pupil's physical activity and learning behaviour in Physical Education classes”, in M.Pieron & J.Cheffers (Eds), Studying the teaching in Physical Education. AIESEP, Liège.

TOUSIGNANT, M. & BRUNELLE, J. (1982). "What we have learned from students and how we can use it to improve curriculum and teaching", in M.Pieron & J.Cheffers (Eds), Studying the teaching in physical education. AIESEP, Liège.